

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

A FOLIA DO DIVINO E IDENTIDADE CULTURAL: O CASO DA
COMUNIDADE DE JARAGUÁ EM GOIÂNIA

Luiza Maria Guedes

Goiânia – 2003

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

A FOLIA DO DIVINO E IDENTIDADE CULTURAL: O CASO DA
COMUNIDADE DE JARAGUÁ EM GOIÂNIA

Luiza Maria Guedes

Orientadora: Carolina Teles Lemos

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em
Ciências da Religião da Universidade Católica de
Goiás, como requisito para obtenção do título de
Mestre em Ciências da Religião.

Goiânia – 2003

G924f

Guedes, Luiza Maria

A Folia Do Divino e identidade cultural: o caso da comunidade de Jaraguá em Goiânia / Luiza Maria Guedes. Goiânia 2003.

131 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Goiás, Departamento de Filosofia e Teologia, 2003.

1. Festa popular 2. Festa religiosa 3. Identidade Cultural 4. Folclore – Jaraguá (GO) I. Título

CDU: 394.2(817.3 Jaraguá)(043.3) 316.7(043.3)

A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora a consciência na forma de imagens lembranças.

A sua forma pura seria a imagem presente nos sonhos e devaneios. (Bergson, Paris, 1959)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo Dom da vida.

Agradeço a minha família em especial a minha mãe Waldeci Cândida Guedes, aos meus irmãos Robinson Pereira Guedes e Ricardo Cândido Cobo, pelo companheirismo, apoio e incentivo nos momentos difíceis dessa caminhada.

À profa. Dra. Carolina Teles Lemos, minha orientadora, pelo estímulo, dedicação, confiança e paciência para a realização desta pesquisa.

Aos professores: Prof. Dr. Rodolfo Petrelli, Prof. Floriano de Menezes, Prof. Dr. Sérgio Araújo, pelo estímulo e incentivo para cursar o Mestrado e acreditarem em meu potencial.

À profa. Dra. Irene de Oliveira e Marcos P. Silveira pelas valiosas contribuições ao participarem da banca examinadora.

À universidade Católica de Goiás – UCG, que me proporcionou um suporte financeiro para a realização de um sonho.

Ao prof. Giuseppe Bertazzo pelas orientações e empréstimo de materiais didáticos que me foram de grande valia.

À amiga Ana Costa de Faria pela carinho e amizade ao longo dessa trajetória.

E a todas as pessoas que de uma forma ou de outra contribuíram com a realização desta.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

À Profa. Maria Augusta Barbo Siqueira

À Profa. Dra. Dulce Madalena Rios Pedroso

À Comunidade Jaraguense

DEDICATÓRIA

À memória de minha avó Ana Cândida de
Rezende Santos

RESUMO

GUEDES, Luiza Maria: **A Folia do Divino e Identidade Cultural**: o caso da comunidade de Jaraguá em Goiânia. UCG, 2003.

O presente estudo – A Folia do Divino e Identidade Cultural: o caso da comunidade de Jaraguá em Goiânia - constitui-se na análise da identidade cultural da comunidade migrante de Jaraguá em Goiânia tendo como pano de fundo a folia do Divino, uma das manifestações folclóricas mais expressivas daquela comunidade. Dessa forma buscou-se entender como a visita da folia reconstrói e renova as tradições e a identidade cultural de uma comunidade rural decorrente de uma mudança de cidade; bem como compreender como a continuidade da visita contribui para a manutenção da identidade cultural dessa comunidade em uma nova cultura, com novos valores e paradigmas culturais.

ABSTRACT

GUEDES, Luiza Maria. **The Folia do Divino and its cultural identity**: the case of the community from Jaraguá in Goiânia. UCG, 2003.

The present study – The Folia do Divino and its cultural identity: the case of the community from Jaraguá in Goiânia - is an analysis of the cultural identity of the community that migrated from Jaraguá into Goiânia, which has at its historical background the Folia do Divino, one of the most expressive folklore manifestations of that community. In this way, to understand how the annual visit of the Folia rebuilds and renews the traditions and the cultural identities of a rural community that moved from the Jaraguá to Goiânia, as well as understand how the continuity of the visit of the Folia do Divino contributes to maintain the cultural identity of this community in a new culture, with new cultural values and paradigms.

INTRODUÇÃO

“Religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas às coisas sagradas isto é, separadas, interditas; crenças e práticas que unem em uma mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a elas aderem. O segundo elemento que ocupa um lugar em nossa definição e que não é menos essencial que o primeiro é o fato de que a idéia de religião é inseparável da idéia de igreja, isto quer dizer que a religião deve ser uma forma eminentemente coletiva”. (Émile Durkheim)

A religião entendida como produto da sociedade não pode ser separada, observada e tratada fora da cultura do indivíduo ou de uma comunidade.

A cultura entendida como um conjunto de práticas, planos e regras da vida social nos permite compreender o comportamento social do indivíduo e de uma comunidade.

Assim, através dos atos sociais, símbolos e práticas religiosas de determinada cultura podemos compreender e delinear a identidade cultural.

Do raciocínio supra, queremos considerar a religião como pano de fundo para analisar a identidade cultural da comunidade migrante de Jaraguá em Goiânia.

A comunidade de Jaraguá residente em Goiânia isto é o grupo que recebe a folia é composta por vinte famílias oriundas da cidade de Jaraguá que residem há mais de 40 anos em Goiânia, porém, com vínculos na cidade de origem. São descendentes de tradicionais famílias jaraguenses e agora numa

cidade grande e moderna como Goiânia encontram espaço para praticar e exercer suas tradições culturais.

O tema desta monografia versará sobre a visita da Folia do Divino que acontece há dezoito anos na comunidade acima citada. A referida festa é organizada pela Associação dos defensores do Patrimônio Histórico e Cultural de Jaraguá e comunidade jaraguense de Goiânia.

A comemoração faz parte do calendário das festividades da cidade e já é considerada como tradição para as famílias jaraguenses residentes em Goiânia.

Como se dá e que papel desempenha a visita da folia do Divino na comunidade migrante de Jaraguá em Goiânia? De que modo as famílias migrantes de Jaraguá em Goiânia foram afetadas em sua identidade cultural ao se mudarem de cidade? De que forma o tradicional assimilou as mudanças, agora que a folia não só visita a região de Jaraguá, mas também uma cidade grande como Goiânia? Que tipo de proteção ou agradecimento a comunidade de Jaraguá em Goiânia estaria solicitando neste mundo cercado de incertezas, ambivalências e contingências?

Do que foi exposto, o presente estudo que tem como tema a “Folia do Divino e Identidade cultural: o caso da comunidade de Jaraguá em Goiânia”, quer elucidar as questões acima apontadas.

A questão da identidade cultural é tratada por muitos autores, dentre esses podemos citar: Cardoso de Oliveira (1976); Brandão (1989); Ortiz (1994); Sodré (1999); Laraia (1999) e Castells (2000).

A identidade, pode ser analisada sob os aspectos individual e social ou coletivo.

Analisar a identidade nestes níveis é importante segundo Oliveira (1976) porque permitem estudar a identidade sem levarmos em consideração somente os aspectos psicológicos, toma a identidade como um fenômeno bidimensional que permite, incorporar as contribuições dos estados psicológicos, especialmente relevantes para a descrição dos processos de identificação, mantendo-os fiéis ao princípio durkheimiano de explicar o social pelo social, sem que isso signifique ignorar o “fato psíquico”.

Segundo Oliveira (1976), na análise da identidade social não podemos desconsiderar a identidade pessoal, pois de algum modo uma é reflexo da outra, e ambas são parte dos interesses e definições de outras pessoas em relação ao indivíduo cuja identidade está em questão.

Para Oliveira (1976), o conceito de identidade pessoal e identidade social, ambas possuem um conteúdo marcadamente reflexivo ou comunicativo, posto que supõem relações sociais tanto quanto um código de categorias destinadas a orientar o desenvolvimento dessas relações.

A identidade quer no seu aspecto individual quer no seu aspecto social, sempre esteve presente nas sociedades humanas. Discutida sob vários pontos de vista científicos, esta não possui um conceito exato, mas sob quaisquer pontos de vista, ela é constituída a partir de elementos históricos e culturais sendo este último que revela os valores, significados, normas, símbolos e os mitos que são reproduzidos na experiência e vivência de um indivíduo, de um grupo ou de um povo.

Não podemos analisar a identidade de um indivíduo ou de um grupo sem abordarmos os aspectos culturais em que estes estão inseridos.

A identidade de um indivíduo, de um grupo social e/ou de um povo, é construída dentro da sua realidade cultural. A cultura no seu sentido conceitual é conjunto de crenças, ritos, moral, leis, costumes, conhecimentos ou hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade.

Laraia (1999), discute o conceito de cultura fazendo um levantamento histórico do termo, começando pelas manifestações iluministas até os autores modernos. A cultura é um conjunto de mediações simbólicas que se traduzem nos fatores: língua, leis, regras e mitos que articulados dão ao grupo uma identidade. A expressão identidade, traduz o estado de sentimento de pertença a um “mundo vital” que rege uma determinada cultura.

Todos os teóricos supracitados são unânimes em conceituar a identidade de um indivíduo ou grupo como produto cultural, e nesta linha de pensamento encontra-se também Castells (2000).

O referido autor analisa a construção da identidade como produto da cultura em determinado contexto histórico. Analisa também como determinadas religiões constroem a sua identidade a partir de leis e normas oriundas de Deus. “Identidade é um processo de significado com base em atributos inter-relacionados os quais prevalecem sobre outras fontes de significados” (Castells, 2000, p. 98).

O conceito de identidade no meu ponto de vista é melhor definido por Laraia (1999). Isto porque a identidade de um indivíduo se estabelece a partir de suas experiências vivenciadas em uma determinada cultura. A aprendizagem destas vivências se tornam hábitos e costumes que, quando representados pelo indivíduo e/ou grupos, os diferenciam dos demais grupos.

A definição de Castells (2000) vem reforçar a posição de Laraia, porque dentro do contexto cultural do indivíduo a religião figura como elemento de primordial importância na sua formação moral. Sendo, assim, o indivíduo constroem também a sua identidade conforme os preceitos religiosos.

Na construção de sua identidade o indivíduo ou grupo vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, pela memória coletiva e por fantasias pessoais e por revelações de cunho religioso. Esses elementos são assimilados pelos indivíduos e ou grupos sociais e sociedade, que reelaboram e reorganizam seu significado obedecendo as aspirações sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como sua visão de tempo/espaço.

A construção social da identidade sempre ocorre em um contexto marcado por relações de poder (Castells, 1990), assim, existe segundo ele três formas e origens de construção da identidade: identidade legitimadora, de resistência e de projeto.

A identidade legitimadora, introduzida pelas instituições dominantes da sociedade tem segundo Castells (1990), o intuito de expandir e racionalizar sua relação de dominação aos outros atores sociais.

A identidade de resistência, é segundo Castells (1990), criada por indivíduos que se encontram em posições e condições desvalorizadas, e ainda estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, barreira de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo oposto a estes últimos.

A terceira forma de construção de identidade é a de projeto, que de acordo com Castells (1990), acontece quando os atores sociais, utilizando-se de

qualquer tipo de material cultural a seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social.

A dinâmica de identidade ao longo desta seqüência afirma que, do ponto de vista da teoria social, nenhuma identidade pode construir uma essência, e nenhuma delas encerra, por esse valor progressivamente ou retrógrado se estiver fora de seu contexto histórico. Cada tipo de processo de identidade leva a um resultado distinto no que tange à constituição da sociedade.(Castells,1990).

Diante da afirmação acima podemos dizer que a identidade construída por diferentes tipos ou formas está sempre correlacionada e/ou engendrada a um contexto social, sendo a religião um elemento que auxilia na formação moral do indivíduo e/ou grupo, podendo ainda contribuir para a manutenção da identidade cultural, e preservação da memória e tradição de um povo.

Durante o período mineratório em Goiás e em particular em Jaraguá, havia uma forte influência da Religião Católica na formação e organização da sociedade, no comportamento e na moral dos indivíduos. Segundo Duarte (1990), as autoridades eclesiásticas em algumas questões se sobrepunham às autoridades constituídas.

A religião como um elemento cultural, através do exercício dos rituais nela praticados carregados de conteúdos simbólicos manifesta não só a fé como também a sua cultura e assim, mantém e perpetua a identidade cultural daquela comunidade. As práticas religiosas compreendidas como rituais de memória coletiva que podem dar continuidade a tradição e à reafirmação de pertença à comunidade migrante de Jaraguá em Goiânia. A visita da Folia do Divino à comunidade de Jaraguá residente em Goiânia não só contribuí como é um

elemento estratégico para a manutenção da identidade cultural e preservação da memória e tradição dessa comunidade.

O eixo teórico para elaboração e compreensão deste trabalho é a concepção de identidade cultural, tendo como espaço de observação conceito o fenômeno religioso, mais particularmente a festa.

O desenvolvimento desse trabalho se deu em duas etapas: na primeira etapa foi realizado um estudo bibliográfico sobre o assunto em questão em livros e revistas.

Na segunda etapa realizou-se a pesquisa de campo, por força da qual, por duas vezes a autora participou da visita da Folia do Divino na comunidade de Jaraguá em Goiânia. Nesta etapa foi aplicado também um questionário aos foliões jaraguenses que participam desta festa e aos visitados que recebem a folia de Jaraguá em Goiânia. Os foliões foram escolhidos aleatoriamente entre os visitantes. A única exigência era ser folião da cidade de Jaraguá. No grupo que recebeu a folia todos que a recebeu foram entrevistados.

Para elucidar a problemática do tema existem a filmagem, o diário de campo, o documento fornecido pela comunidade, as fotografias. A análise foi desenvolvida em três capítulos a saber:

O capítulo I: *Religião, Família e comunidade: a trajetória da formação do município de Jaraguá*; busca descrever os elementos: religião, família e comunidade e partindo desses conceitos buscamos contextualizar historicamente o município de Jaraguá, por ser este o berço das tradições da comunidade de Jaraguá migrante em Goiânia.

O capítulo II: *A comunidade migrante de Jaraguá em Goiânia*, descreve a cidade de Goiânia, como o novo espaço que abriga essa comunidade. Faz

também um relato histórico e social das famílias que recebem a visita, suas raízes e tradições e as principais festas religiosas da cidade de Jaraguá, festas que delineam e marcam a identidade cultural do povo goiano e em particular da comunidade Jaraguense.

O capítulo III: *A folia*, busca compreender os significados sociais desta festa, com o intuito de investigar esse rito religioso como um elemento dentro do fenômeno religioso que é capaz de assegurar, manter e preservar a identidade cultural da comunidade migrante de Jaraguá em Goiânia.

CAPÍTULO I

RELIGIÃO, FAMÍLIA E COMUNIDADE: A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA FORMAÇÃO DO MUNICÍPIO DE JARAGUÁ

Notas iniciais

O presente capítulo procura, no estudo da inter-relação entre os temas religião, família e comunidade, compreender a vida religiosa de uma comunidade urbana que tem como principal característica de sua identidade cultural a necessidade de pertença e a preservação dos laços familiares e comunitários.

Para melhor compreendermos a inter-relação dos temas acima mencionados, este capítulo tem também como objetivo analisar a história sócio-econômica e cultural da sociedade jaraguense ao longo de sua existência, pois o que faz a região não é somente o espaço geográfico como os solos, as paisagens, mas também o tempo, a história, a sua gente, os seus modos de sobrevivência e, principalmente, sua fé, suas crenças. Assim, descrevemos o município de Jaraguá ao longo do seu desenvolvimento histórico enfocando seus aspectos sócio-econômico, cultural e religioso e as principais festas religiosas do Estado de Goiás.

1.1 Religião

“Eu vou todos os domingos à missa novenas rezo o terço uma vez por mês na minha casa” (I.M.M, entrevista, 2002).

A secularização com base nos depoimentos dos entrevistados não ocorreu na comunidade de Jaraguá. Analisando a comunidade jaraguense vimos que não houve redução drástica dos domínios religiosos da vida dessa comunidade. Isto pôde ser verificado quando da análise biográfica da sociedade jaraguense ao longo do seu desenvolvimento sócio-econômico e religioso e posteriormente na análise de campo.

A secularização da religião é entendida sob diversas óticas, cada qual com seus conceitos e significados. O termo secularização é carregado de preconceitos, de conotações valorativas, às vezes positivas, às vezes negativas. Assim definir a secularização é uma tarefa muito complexa. Do ponto de vista dos anti-clericais e progressistas a secularização é a libertação do homem moderno da tutela da religião. Para as igrejas tradicionais significa descristianização, paganismo.

“Na história ocidental moderna a secularização manifesta-se na retirada das Igrejas Cristãs de áreas que antes estavam sob o seu controle ou influência. Na cultura e símbolos, a secularização é mais que um processo sócio-estrutural. Ela afeta a totalidade da vida cultural e da ideação e pode ser observada no declínio dos conteúdos religiosos nas artes, na filosofia, na literatura, e, sobretudo na ascensão da ciência, como uma perspectiva autônoma e inteiramente secular, do mundo”. (Berger, 1985, p. 117)

O processo de secularização é um fenômeno global das sociedades modernas e tem se expandido com a ocidentalização e a modernização, mas atinge a cada grupo de modo diferente, isso se dá conforme sexo, idade, raça, condição sócio-econômica e religião. No mundo globalizado e racionalizado como é o da cultura moderna os indivíduos têm outros argumentos que não os religiosos para explicar e entender o mundo e a si mesmo.

A secularização colocou uma situação completamente nova para o homem moderno. As religiões perderam grande parte sua plausibilidade para as massas da sociedade. O que significou uma crise tanto para as grandes instituições sociais como para as biografias individuais, o que evidencia o fato de que as instituições são incapazes de dar significado não só para si próprias como para as rotinas ordinárias do cotidiano dos indivíduos.

Isto resultou no que Berger (1985) denominou de “crise da credibilidade” na religião pelo homem, que por falta de conhecimento, coloca em questão a plausibilidade das definições religiosas tradicionais.

O homem comum não costuma ser muito seguro acerca de assuntos religiosos. Ele é assediado por uma vasta gama de tentativas de definição da realidade religiosa ou não, que competem entre si para obter sua adesão ou pelo menos atenção.

Disso surge o problema fundamental das instituições religiosas que é como sobreviver num meio em que já não se considera como evidentes as suas definições da realidade. Berger (1985) aponta duas opções que são: acomodação ou a resistência da situação que atravessa.

Segundo Berger, apud Martelli, (1985, p. 294) “as transformações da sociedade traduzidas no pluralismo das concepções de mundo, privatização e

subjetivação do fenômeno religioso, obrigam a todos serem hereges, isto é, obriga o indivíduo a uma “livre escolha” entre as religiões e as concepções de mundo existentes em uma dada sociedade”.

“A secularização não parece levar de fato ao desaparecimento da religião institucional, quando muito a uma presença simultânea de igrejas e grupos religiosos, com resultados abertos e até inesperados” (Berger, apud Martelli, 1985, p. 294).

Na concepção pluralista de Berger a secularização põe um fim ao monopólio religioso, onde a tradição religiosa da autoridade dá lugar ao mercado religioso.

Na mesma linha de pensamento de Berger sobre o fenômeno da secularização encontra-se Martelli (1985), para quem esse fenômeno é entendido como a redução da influência das igrejas nos diversos setores da sociedade.

Ainda em relação a secularização, Aquaviva (apud Martelli, 1985), escrevia na Itália nos anos 60 sobre a rápida transformação que vinha ocorrendo no mundo e mais precisamente na Itália. Essas mudanças envolviam todos os segmentos da sociedade inclusive o da religião. Chamava a atenção de Aquaviva a emigração interna, urbanização e industrialização como fatores que tinham influência no abandono da prática religiosa, na diminuição de vocação à vida consagrada, a crise das formas de religiosidade tradicional. Assim para Aquaviva a modernização era sinônimo de secularização.

No pensamento de Aquaviva, a secularização era uma desvalorização dos aspectos sacrais do cristianismo. Segundo Aquaviva, existe conexões entre desvalorização e mudança social na sociedade moderna causada pelas “condições de trabalho e de vida criados pela industrialização, urbanização,

tecnização; a experiência do sagrado torna-se cada vez menos possível. “Está em vigor um processo não só de secularização, mas também de dessacralização” (Martelli, 1985, p. 283).

Wilson (apud, Martelli, 1985), define a secularização como marginalização da religião na sociedade pós-moderna, sociedade essa cada vez mais racionalizada. Embora relegada a um papel marginal, a religião nas sociedades modernas continuará a persistir. Isto porque o sistema social não pode dar respostas a todas as necessidades humanas (Martelli, 1985, p. 297). A secularização é a desmistificação do mundo, ela representa uma espécie de impasse característico da sociedade moderna; de um lado a religião é incapaz de incidir sobre o sistema social e sobre as suas instituições que já são autônomas, e a sua função se exerce unicamente em favor dos indivíduos e no âmbito da esfera privada. Por outro lado, o sistema social é capaz de produzir recursos materiais, não porém de reproduzir aqueles símbolos fundamentais, tais como o sentido da vida, a gratuidade, a dedicação ao bem comum, os únicos a defender a “herdade” do próprio sistema contra as contínuas crises internas e ameaças externas (Martelli, 1985, p. 301).

Na sua análise sobre a secularização Luckmann (apud Martelli, 1985) escreve que as novas formas de organização social decorrente do processo da modernização, faz surgir também uma nova forma social de religião. Essa nova forma “caracteriza-se pela possibilidade de acesso direto dos potenciais consumidores a uma variedade de representações religiosas (Martelli, 1985, p. 202).

A religião nesse período se “apresenta como um fenômeno reservado essencialmente à esfera privada, e não é sustentada por instituições religiosas

públicas”, (Martelli, 1985, p. 303). Oferece também uma variedade de práticas religiosas mais flexíveis, portanto mais instáveis, porém mais adaptáveis às exigências dos indivíduos que agora na pós-modernidade são transformados em um ser autônomo, sem referências institucionais, que pode escolher aquela forma de religiosidade que melhor atender às suas necessidades.

Para Luckmann (apud, Martelli, 1985, p. 303), a secularização é o “sintoma de uma mudança mais ampla do que o surgimento de uma nova forma social que ele chamou de religião invisível”. Por religião invisível ele entende essa nova forma de organização religiosa do processo moderno, onde a religião tem sua origem na esfera privada. São concepções religiosas instáveis e subjetivas que fazem com que o indivíduo elabore um conjunto de significados de acordo com a oferta de religiões colocadas à sua disposição não só pelas igrejas tradicionais mas também pelas ideologias políticas e econômicas.

O cidadão jaraguense não é secularizado pois ele ainda apresenta atitudes e comportamentos de cunho sagrado.

Eu para homenagear o Divino participo das missas, novenas, já fui festeiro (A .M.J, entrevista, 2002).

Durkheim (1996, p. 462) afirma que há algo de externo destinado a sobreviver a todos os símbolos particulares, e que não pode haver sociedade que não tenha a necessidade de perpetuar seus sentimentos religiosos.

Carneiro (1998, p. 4) reforça a tese de Durkheim afirmando que:

“como o advento da sociedade moderna não significou o fim da religiosidade, a sua especialidade parece residir justamente no fato de que, nela, a organicidade da religião se enfraquecem. Ou seja, o processo de secularização pode ter confinado a religião a esferas que podem ser mais restritas e particulares, mas não as eliminou. Dito de

outra forma, a religiosidade na sociedade moderna continua a expressar formas de conhecimento do mundo, mas perdeu o sentido, o poder e o monopólio de expressar o Estado”.

Eu sou devota do Divino desde que nasci, minha mãe era muito devota, eu e meus irmãos fomos educados na tradição católica (T.M.J, entrevista, 2002).

O cidadão jaraguense são cheios de esperanças, de fé, e buscam no sagrado sua identidade religiosa, pessoal e social.

É nesse período considerado como moderno, secularizado é que a comunidade de Jaraguá que recebe a Folia do Divino migra para Goiânia. A cidade na época em que se deu a migração encontrava-se no seu segundo período desenvolvimentista¹. Assim, ao migrarem para Goiânia os cidadãos jaraguenses em busca de melhores condições educacionais dentre outras, vivenciam um encontro do tradicional com o moderno.

Após a entrada das sociedades na idade dita pós-industrial , que ocorreu por volta dos anos 50, este fenômeno implicou uma nova mentalidade do indivíduo ao encarar o mundo e uma nova ordem social no que diz respeito principalmente aos costumes e estilos de vida bem como as formas de organização social. As transformações que afetaram as ciências a partir do final do século XIX trouxe consigo mutação das técnicas e um acelerado desenvolvimento da tecnologia, esse desenvolvimento tecnológico facilita a vida dos indivíduos, tanto no trabalho como na vida doméstica. Os novos equipamentos trouxeram mais conforto e facilidade para os indivíduos. Entretanto, para Weber esse progresso material obtido através da expansão da burocracia destroe a criatividade do homem e a sua autonomia individual. Essa grande gama

¹ Melo, (1996), descreve o período entre 1950-1964, como o 2º período desenvolvimentista da cidade de Goiânia.

de oportunidades que os grandes centros urbanos aliados as novas tecnologia oferecem para os indivíduos geram confusão e incertezas.

Hoje eles recebem a Folia do Divino com características de festa do interior: com bandeiras, imagens de santo e fogos de artifícios em meio à sociedade goianiense, cidade com grande contingente populacional, e toda a infra-estrutura necessária a uma cidade grande.

Eles estão vivendo em uma sociedade em que é mais difícil viver em comunidade e os ideais de família.

1.2. Família

A instituição da família é sempre um tema da atualidade. Tanto no passado como no presente, sempre homem e mulher têm buscado um ao outro para juntos constituírem uma família. Mesmo com as mudanças operadas nos últimos tempos, esta prática continua uma realidade,

Conceituada estruturalmente como uma instituição onde figuram membros tais como: pai, mãe e filhos. A ela são atribuídas certas responsabilidades tais como: procriar e cuidar dos filhos. Ainda em termos de função o propósito da família seria prover um contexto que supra as necessidades primárias de seus membros, referentes à sobrevivência, segurança, alimentação, e desenvolvimento afetivo, cognitivo e social, e o sentimento de ser aceito, cuidado e amado (Macedo, 1994, p. 63).

Do ponto de vista religioso a família é conceituada como comunidade de amor e vida constituída de um par monogâmico, estável institucionalizado, com filhos, assim, no entender de Guimarães (1990, p. 10):

“a família é uma comunidade de pessoas, baseada na vida e no amor, estabelecendo relação estável e duradoura entre homem e mulher, a serviço da realização mútua, aberta para a acolhida dos filhos e consciente da responsabilidade de uma educação”.

A família é para a psicologia, o segmento social de maior importância para o indivíduo. O núcleo familiar é o primeiro ambiente que ele participa e no qual desenvolve a sua personalidade. Ela é do ponto de vista psicológico, a matriz da identidade pessoal e social do indivíduo, uma vez que nela ele desenvolve não só o sentimento de pertinência que vem com o nome e fundamenta a identificação social como também o sentimento de independência e autonomia, baseado no processo de diferenciação, que permite a consciência de si mesmo como alguém diferente e separado do outro .

Para os cientistas sociais, a família é uma unidade social que além de proporcionar os meios de sobrevivência, suporte efetivo, tem também a função de socialização das crianças através da educação e da transmissão da cultura. Desse modo, ela é um agente para a manutenção da continuidade cultural, ou seja, um valor social universal. Samara (1991, p. 63), reafirma essa função social da família ao enfatizá-la como “um dos organizadores da sociedade, na medida em que define os estilos de vida, dando subsistência à ação. A permanência desse modelo como valor qualifica e mapeia as relações sociais nas várias situações em que ocorre”.

A família quer seja do ponto de vista religioso, psicológico ou social, é caracterizada como uma entidade regida fundamentalmente pelas relações de afeto e compromisso cujo núcleo principal é constituído por pai, mãe e filhos.

Esta instituição nos tempos de hoje, tanto e talvez mais do que outras instituições tem sido posta em questão pelas amplas e profundas mudanças e rápidas transformações que vem sofrendo a ciência, a sociedade e a cultura. Assim como os meios de comunicação e a tecnologia, os modelos de família também se modernizaram. Nos últimos 40 anos houve profunda mudança de posturas e posicionamentos da vida conjugal e familiar. Dentre estas mudanças, as que têm sido mais difundidas, por serem as que mais influenciaram no tipo tradicional da família: a posição das mulheres tanto na sociedade como na família, a legalização do divórcio, a invenção da pílula anticoncepcional, a divisão do trabalho e a ocupação do espaço profissional pelas mulheres.

Figueira (1987), analisa a instituição família brasileira em dois modelos ou tipos: a família tradicional ou hierárquica e família igualitária.

Na família tipo tradicional ou hierárquica como Figueira definiu a família brasileira dos anos 50, prevalecia a identidade posicional, segundo o qual os membros desta eram definidos a partir da sua posição na família, sexo e idade. Aqui, homem e mulher são percebidos intrinsecamente diferentes e o homem se apresenta como superior á mulher, isto se dá, uma vez que o homem tinha uma posição privilegiada pelo seu trabalho fora de casa.

Com relação aos filhos, prevalecia também a idéia de diferenças que Figueira (1987, p. 15) chamou de “diferenças intrínsecas”, pois adulto é diferente de criança, adultos sabem mais, e melhor, sendo assim podem e devem mostrar poder. Esse poder era de vez em quando demonstrado através do exercício legítimo da disciplina.

Esse modelo tradicional tinha como característica fundamental a desigualdade e a diferença de privilégios entre os membros da família que foram

posteriormente questionadas através do processo de modernização que tinha como ideal uma família com menos diferenças e mais igualdade.

Assim é que na década de 1980, surge um ideal de “família igualitária, segundo o qual Figueira (1987, p. 16) a identidade é idiossincrática. Homem e mulher são diferentes pessoal e idiossincraticamente, mas iguais como indivíduos.

Os aspectos mais importantes no processo de modernização são: a passagem do ideal da hierarquia para o igualitário, o enfraquecimento das fronteiras entre categorias que são percebidas como intrinsecamente diferentes, como a redefinição dos membros dessa categoria através de uma idéia de ligação que lhes dá uma identidade ao mesmo tempo comum e mais abstrata, assim como uma identidade de 2º grau.

Mas segundo ainda Figueira (1987, p. 12), se por uma lado é fácil acompanharmos o processo de modernização que os carros sofrem todo ano, por outro lado, não é possível adaptarmos aos novos modelos e ideais de família que se sucedem rapidamente sem que haja conflitos.

“Os jornais, a televisão e as conversas do cotidiano estão cheios de situações que mostram bem as dificuldades, o mal-estar e mesmo a profunda angústia que podem ressaltar da vida numa sociedade na qual não apenas os objetos, mas também a família e a subjetividade parecem estar constantemente em transformação”. (Figueira, 1987, p. 12)

A partir do que ele verificou no cotidiano da família moderna ele reafirma que:

“A modernização da família é portanto, um processo complexo que resulta da modernização dos ideais e das identificações, da dissolução e da criação de categorias classificatórias, da plurificação das aparências e da psicologização dos discursos. Quase não é preciso repetir que este processo está longe de ser linear e que seus resultantes são, portanto, complexos”. (Figueira, 1987, p. 21)

A família jaraguense, absorveu mesmo que de modo fragmentado as mudanças ocorridas no seio da família.

Adaptou-se aos novos modelos de família como consequência da crescente urbanização e do desenvolvimento do capitalismo. As mulheres, tanto as que fazem parte da folia como as que são visitadas pelos foliões possuem atividades fora do lar, como Dona Ivete, hoje aposentada, mas que durante trinta anos foi funcionária pública. A foliã Ana também trabalha fora de casa há vinte anos na profissão de professora primária.

Mas as famílias jaraguenses, e aqui incluem também as que residem em Jaraguá e em Goiânia, não mudaram no seu papel que é o de agente de manutenção e continuidade da cultura. Funcionam como a base para o status social dos seus membros, e como agente de formação da personalidade, enfim continuam sendo o núcleo social primário da sociedade daquela comunidade.

A comunidade assim como a família tem importância na identidade tanto pessoal como social dos indivíduos. E assim como todos os segmentos da sociedade, a comunidade também foi impactada pela mudança de cidade.

1.3 Comunidade

Entendemos por comunidade um grupo de pessoas que habitam em determinada área que interagem entre si e com interesses comuns. Viver em comunidade é uma necessidade de todos os indivíduos.

A comunidade proporciona um ambiente agradável de convivência, tanto para os indivíduos como para a família, uma vez que a noção de comunidade está associada ao esforço de determinadas pessoas em promover o bem-estar comum desse grupo.

Tomamos o conceito de Arcoverde (1985, p. 48) para termos um entendimento mais amplo sobre comunidade.

Comunidade é:

“tomada como o que é, com suas características próprias, com seus recursos atuais e potenciais, com sua história, seus costumes, suas possibilidades. Não como uma unidade isolada, mas integrada em um todo maior, um meio físico, econômico, social, cultural mais amplo que os seus próprios limites e ao qual está vinculada por laços de toda ordem (materiais, morais e espirituais)” .

A comunidade de Jaraguá tanto a que ainda vive na cidade como a residente em Goiânia pode ser caracterizada como um grupo de pessoas que vivem em uma área geográfica contígua, e possuem a mesma tradição e os “mesmos interesses e mais a consciência da participação em idéias e valores comuns (Arcoverde, 1985, p. 21).

Tanto Weber como Durkheim (apud Arcoverde, 1985, p.50) comentaram o termo Comunidade. Para Weber comunidade nada mais é que um contrato social que serve como base do relacionamento comunal. Durkheim

conceitua o termo comunidade a partir da caracterização das relações sociais que lhe são peculiares. Para ele, essas relações na comunidade caracterizam-se pela ausência de ações plenamente voluntárias e deliberadas, baseando-se numa solidariedade que tenderia a ocorrer mecanicamente.

As relações sociais da comunidade jaraguense não se enquadram na teoria weberiana uma vez que não existe um contrato escrito regendo aquela comunidade. A comunidade jaraguense seria uma comunidade do tipo mecânica (conforme Durkheim) pois as normas, isto é o desejo do grupo organizado pela Associação dos Defensores do patrimônio Histórico e Cultural da cidade de Jaraguá, são semelhantes e o objetivo final é manter as tradições daquela sociedade.

Se enquadraria também dentro da solidariedade orgânica pela interdependência enfatizada pelos regulamentos; ela é baseada na vontade humana, isto é na vontade e desejos do grupo.

A comunidade jaraguense pode ser descrita como uma comunidade do tipo rural: homogênea, rica em solidariedade humana. O modo de ser, isto é, o comportamento é tradicional, espontâneo. O grupo familiar é a unidade da ação. Quanto a religião, o sagrado sobrepõe-se ao secular.

Há um conhecimento íntimo das pessoas, a reputação dos indivíduos é conhecida até onde atingem as vias de comunicação (em geral nas comunidades rurais ou das pequenas cidades ou bairros periféricos das cidade todos se conhecem). Enfim, os costumes sociais dessas comunidades são os tradicionais. Somente o que mudou foram as relações econômicas, pois o capitalismo avançou e dominou todo território goiano assim, na comunidade jaraguense típica de

comunidade tradicional prevalece a economia de mercado, e a mesma praticada nos grandes centros urbanos traduzidos pelo binômio capital x trabalho.

A vida em comunidade é um tipo de experiência social que historicamente tem contribuído para dinamizar a identidade cultural do indivíduo.

1.2 Caracterização histórica do município de Jaraguá

Atualmente, o município de Jaraguá se destaca como polo industrial do setor de confecções. Na zona rural predomina a agropecuária e se destaca na produção de leite e derivados. Entretanto, o município se caracterizou historicamente como município de mineração. Com a queda do ciclo do ouro consolida-se a economia agropastoril.

O arraial de Jaraguá foi fundado no século XVIII quando a procura pelo ouro na capitania de Goiás avançava pelo seu interior. Todavia a história sobre a fundação de Jaraguá é divergente e algumas hipóteses sobre a sua origem foram levantados e estas são relevantes para o nosso estudo.

Alguns documentos afirmam que a fundação de Jaraguá remonta a primeira metade do século XVIII, “o século do ouro”, e sua fundação se deu juntamente com outras vilas tais como: Vila Boa, Santa Cruz, Meia Ponte, Pilar de Goiás dentre outras que nasceram no denominado ciclo do ouro em Goiás.

Segundo Gomes (1993, p. 67) grande parte dos municípios Goianos “nasceram de núcleos mineiros ou de atividades agropastoris sob múltiplos aspectos: fazendas, colonização dos patrimoniais e paróquias”. Entretanto, segundo Fonseca (1990), devido a falta de documentação disponível não se pode afirmar a origem certa do município de Jaraguá, mas há hipóteses de outros

estudiosos sobre o município a respeito de sua origem.

Uma dessas hipóteses é levantada por Artiaga (1951), que escreve afirmando ser a fundação do Arraial de Jaraguá o ano de 1731, pelo integrante da entrada de Bartolomeu Bueno (o Anhanguera) Manoel Rodrigues Tomar, o mesmo que fundou o arraial de Meia Ponte (hoje Pirenópolis). Tomar não só fundou estes dois arraiais, como também outros no norte do estado dentre esses o de Traíras. Entretanto, ele não pôde explorá-los pois problemas políticos culminaram na sua expulsão das minas de Goiás. Duarte considera esta hipótese de grande significação uma vez que o nome de Tomar foi guardado pela memória² popular, “pois muitos outros integrantes da comitiva de Bartolomeu Bueno, seguiram a essa estrada, mas só o nome de Tomar ficou na memória popular” segundo ainda Duarte, a preservação do nome de Tomar na memória popular pode-se ligar ainda, ao temperamento de Tomar, descrito como um homem valente, inquieto, não acomodado às concessões impostas. “Sua personalidade concorreu para a formação de um mito em torno do seu nome” (Duarte, 1999, p. 29).

Outra hipótese relacionada às origens da fundação de Jaraguá é que este arraial, assim como o de Cocal, Pilar e Tesouras, foi fundado por negros faiscadores (Mattos, 1979, p. 31). Essa hipótese pode ser também encontrada nos escritos de Saint-Hilaire segundo os quais alguns negros tinham ido procurar ouro nos córregos e descobriram, em 1736, a região onde está situado o arraial de Jaraguá. As riquezas ali encontradas não tardaram a atrair gente para o local e

² Memória, é um elemento de suma importância na manutenção da identidade cultural de um povo, pois através das informações obtidas e acumuladas ao longo do tempo, podemos conhecer e ou reconhecer a cultura de um povo.(GOFF, Jacques Le 1996).

em breve se formou um povoado onde, pouco antes, só existia uma região desértica³ (Saint-Hilaire, 1975, p. 31).

Diante dessas hipóteses, pudemos depreender que a fundação do arraial de Jaraguá está associada à economia mineradora que é também o eixo principal do povoamento da capitania de Goiás, seus municípios e dentre estes está o de Jaraguá objeto de estudo desta dissertação. Entretanto, segundo Tiballi, embora a economia mineradora responsável pela formação do povoamento de Goiás a agricultura e a pecuária coexistiram com as atividades mineratórias ou mesmo com as plantagens, garantindo a sobrevivência da população da colônia” (Tiballi, 1991, p. 109). Disso pudemos depreender que com a extinção do ouro na região a população busca na agricultura e pecuária não só seu meio de sobrevivência , mas também uma nova atividade econômica.

Segundo Fonseca (1990) os dados referentes ao século de fundação do arraial de Jaraguá são muito escassos.

Em relação ao nome do arraial, segundo Ferreira (1997, p. 255) o termo Jaraguá advém dos índios “*Jaguaras*”, grupo indígena que habitavam a região antes da colonização portuguesa. Entretanto, esta tese é refutada por Pedroso filha de Jaraguá e estudiosa da região.

Já Cunha Mattos (1975, p. 38) definiu o termo “Jaraguá como sendo Montes Grandes”.

³ Ainda com relação à fundação do Arraial de Jaraguá existem outras hipótese. Ver: SILVA E SOUZA, Luiz A . da. O descobrimento da capitania de Goyaz: governo, populações e coisas mais notáveis (1812), In. TELES, José Mendonça. Vida e obra de Silva e Souza. Goiânia, oriente, 1978, p. 118-119.

O dicionário da Língua Portuguesa conceitua o termo Jaraguá como um termo *Tupi-Guarani Yaeá-wa*. Afirma também que a denominação é relacionada a um tipo de capim da família das gramíneas (*Hyparheim-rufa*) que é uma forragem que atinge quase dois metros de altura muito usada como pastagem para o gado. Muito comum na região Centro-Oeste e principalmente na microrregião do Mato Grosso - Goiano, região em que está situada a cidade de Jaraguá (Holanda, 1997, p. 797).

Em relação aos primeiros habitantes de Jaraguá, às referências sobre estes assim como as sobre a sua origem são esparsas (Duarte, 1999, p. 36). Consta-se que os primeiros habitantes de Jaraguá foram negros fugitivos, experientes em socavação e garimpagem, que passaram a garimpar em suas minas até a descoberta pelos colonizadores a serviço da coroa de Portugal” (Fonseca, 1990, p. 32).

Depois dos negros vieram os bandeirantes e segundo Duarte (1999) alguns integrantes da expedição de Bartolomeu Bueno fixaram-se naquela região, sendo que um desses integrantes foi Urbano do Couto.

Para Fonseca (1990, p. 29), um fator que favoreceu o desenvolvimento do arraial de Jaraguá foi o estabelecimento de pessoas como Urbano do Couto na localidade⁴.

Mas logo a região tornou-se uma região receptora de migrantes. Segundo Bertran (1978, p. 83), já no final do século XVIII e início do século XIX, a cidade se tornará o centro colonizador de Goiás criando assim condições para

⁴ Uma síntese com dados e fatos sobre a história, a cultura, o patrimônio e o desenvolvimento de Jaraguá pode ser encontrado em: EMCIDEC/DADM. Por uma história de Jaraguá. VI; Inventário do patrimônio cultural VII; legislação de proteção do patrimônio cultural VIII. Secretária do Governo de Goiás, 1992, p. 51.

famílias se estabelecerem no arraial. Algumas dessas famílias foram; Ribeiro de Castro, Alvares da Silva, Rodrigues Fraga.

Segundo Palacin (1975, p. 182), ao ser elevada à categoria de Paróquia Nossa Senhora da Penha de Jaraguá, apresentava status sociais definidos, assim a elite era composta pelos proprietários de minas, altos funcionários do governo, fazendeiros, clero e militares. Os médios proprietários eram comerciantes, fiscoeiros livres, ourives, sapateiros, barbeiros, alfaiates, marceneiros, vaqueiros, pedreiros, feitores que pertenciam às camadas médias, os pobres eram os negros, aventureiros, forros e mulatos.

Ainda sobre a população Jaraguense, Castro (1998), nos informa que no início do século XIX, a maioria dela era composta por negros escravos e mulatos (mestiços), mas não há segundo ele, dados informando a quantidade dessas pessoas e nem a respeito da população branca.

Entretanto, muitos outros fatores contribuíram para o desenvolvimento de Jaraguá, dentre esses podemos citar: a sua posição geográfica, o estabelecimento do ensino formal, isto é a criação de escolas da rede pública de ensino e a religião.

“A sua posição geográfica foi de significativa importância para o seu desenvolvimento. Situado a oeste da Vila Boa, capital da capitania de Goiás, Jaraguá configurou-se como entreposto comercial para viajantes, mascates e tropeiros vindos de Minas Gerais e São Paulo, fortalecendo assim o seu comércio com outras regiões”. (Castro, 1998, p. 42)

Na educação formal, o que contribuiu para o desenvolvimento do arraial e estruturação da comunidade, foi a criação das escolas de primeiras letras

no ano de 1831. Neste ano é que se tem a primeira notícia sobre a educação em Jaraguá, sendo o primeiro delegado de instrução e ensino o capitão de ordenanças Antônio Félix de Sousa.

No início da colonização da capitania de Goiás, segundo Palacin (1975), a parte culta da sociedade era representada pelos padres com suas noções de teologia, filosofia, gramática, retórica e alguns com cultura humanista. O restante da população era segundo ainda Palacin analfabeta. Assim, em 1774 cria-se em Portugal com o objetivo de mudar esse quadro o imposto denominado de subsídio literário para manutenção das escolas. Entretanto, este plano não se realizou com relação à educação e esta chega no século XIX bastante precária.

Em 1833, Jaraguá foi elevada à categoria de vila, e em 1872 à categoria de cidade. Ao ser elevado a categoria de cidade, o ensino público de Jaraguá ganhou uma nova categoria de ensino a qual foi denominada de Instrução Primária.

“Os dados relativos ao processo educacional, tanto na primeira, quanto na Segunda metade do século XIX, mostraram que a escola teve um papel importante no processo de consolidação do município de Jaraguá. Era um espaço onde se concretiza o processo de ensino ou de alfabetização da população, apesar de contar com um número muito pequeno de alunos em relação ao total da população. Pelo modo que se estruturou a escola jaraguense em duas categorias e com divisões a partir do sexo, foi também um local do encontro entre pessoas pobres e ricas da cidade e de outras localidades, pois por elas se passaram tantas crianças e adolescentes anônimos como aqueles que ao longo da história mantiveram seus nomes conservados através dos anos. A exemplo: Antônio Ribeiro de Freitas; Diogenes Gomes Pereira; Sebastião Soares de Carvalho e outros. (Fonseca, 1990, p. 63)

A igreja católica, foi também de fundamental importância para a estruturação da comunidade jaraguense, esta esteve presente na região desde 1734. No século XIX, segundo Fonseca, já existiam em Jaraguá duas igrejas: a Igreja de Nossa Senhora da Penha (Padroeira da cidade) e Igreja do Rosário.

Como em vários municípios goianos, e em Jaraguá não foi diferente, a religião católica sendo a religião oficial do império, nesse período serviu não só como espaço de reverência para rezar e louvar a Deus, mas também como um espaço onde também se estabelecem as relações de compadrio. “Era comum aparecer nomes de políticos locais e muitos de destaque regional (Fonseca, 1990, p. 60).

No que tange à economia, a promoção da agricultura como elemento alternativo da economia foi realizada em toda a capitania de Goiás, que vinha tendo dificuldades em função do declínio das minas de ouro, e em Jaraguá não foi diferente⁵.

Como já foi salientado, mesmo durante o auge da fase aurífera na capitania de Goiás, e isto inclui também a região de Jaraguá, a agricultura e a pecuária sempre estiveram presentes na economia como fonte de sobrevivência da colônia.

Segundo Saint-Hilaire, desde 1819 o arraial de Jaraguá encontrava-se contextualizado com a sociedade transitória de Goiás. A comunidade mantinha tanto a atividade de cata de ouro como atividade agro-pastoril.

⁵ Para melhor compreensão do período de transição da economia mineradora para a agropastoril, ver: SALLES, Gilka Vasconcelos Ferreira de. Economia e escravidão em Goiás colonial (1777-1804). São Paulo: Hucitec, 1979. TIBALLI, Elianda F. Arantes. A expansão do povoamento Goiás no século XIX. Goiânia: UFG, 1991.

Os primeiros sinais da criação de gado em Jaraguá segundo as fontes pesquisadas datam do final do século XVIII. No início do século XIX, dentre as várias atividades do setor uma delas era o criatório, com predomínio de fazendas agro-pastoris.

Com características e práticas tradicionais, o produto era comercializado na capital da província.

Mesmo praticada de maneira tradicional e não ser produto de exportação, a pecuária foi de fundamental importância para a economia do município no processo de consolidação econômica.

Foi neste contexto que a sociedade jaraguense foi se consolidando, em torno de elementos tradicionais e essenciais para o desenvolvimento sócio-econômico e cultural de uma cidade.

Segundo ainda Fonseca (1990, p. 121), em Goiás o desenvolvimento capitalista não se deu forma homogênea, pois até os anos trinta, as regiões centrais e meridionais do Estado praticamente não haviam sido atingidas. No governo Getúlio Vargas (1930-1945) implementou-se um projeto de integração do país denominado “Marcha para Oeste”, que tinha como objetivo “o fortalecimento de doutrinas que serviriam de sustentáculo ideológico do projeto desenvolvimentista que afirmava o ideal nacionalista. Assim, o governo volta-se para o interior do país, cuja principal preocupação era a integração das regiões despovoadas.

Este projeto visava também diminuir distâncias e expandir fronteiras econômicas na direção do interior do país. Para Goiás, este movimento significou sua incorporação definitiva no mercado capitalista. A construção de Goiânia a nova capital do Estado, foi a grande participação do Estado de Goiás no circuito

nacional. A nova capital, Goiânia, projetada dentro de um contexto moderno bem planejada e situada numa região geográfica privilegiada passa a ser o centro do desenvolvimento sócio-econômico do Estado.

Para o município de Jaraguá, a “Marcha para o Oeste” significou também mudanças. Houve um aumento da taxa populacional, formação de novos núcleos urbanos e ressurgimento de antigos povoados no município das diversas correntes imigratórias que chegaram a Goiás e alguns se instalaram em Jaraguá e muitos comerciantes vindos de outras cidades principalmente de Anápolis lá foram se instalando.

A modernização goiana provocou diversas alterações em Jaraguá, no seu ensino formal, que sofreu mudança, sendo inaugurado em 1936 uma instituição de ensino que foi muito importante: o grupo escolar Manoel Ribeiro de Freitas Machado. No que se refere ao ensino, outro elemento que contribuiu para o desenvolvimento de Jaraguá foi a “campanha do Tostão, cujo objetivo era erradicar o analfabetismo.

Em relação a industrialização, por estar localizada próxima a cidade de Anápolis, poucas indústrias são instaladas em Jaraguá, pois os produtos primários eram processados diretamente em Anápolis.

O processo de modernização que levou várias correntes migratórias para o município de Jaraguá contribuiu para a instalação de um contínuo processo de aumento da produção agrícola, apesar de a agricultura não ser considerada moderna.

Em Jaraguá o seu processo de modernização da agricultura teve início na década de 1970 com a criação de um programa especial denominado ACAR –

Goiás. Este programa visava também a melhoria das condições de vida da população rural.

Com a decadência da economia mineradora, a pecuária passou a ser o produto principal da economia goiana e em Jaraguá não foi diferente dos outros municípios e este teve um crescimento contínuo.

Foi no final do século XVIII conforme dados obtidos nas pesquisas que aparecem em Jaraguá os primeiros sinais da criação de gado através das fazendas de criatórios cujos produtos eram comercializados na capital da província.

A pecuária em Jaraguá apesar de ser praticada de forma tradicional e não ser produto de exportação foi de fundamental importância para a economia do município no seu processo de consolidação econômica.

No processo “Marcha para o Oeste”, o governo federal cria em Goiás a Colônia Agrícola Nacional de Goiás (CANG) que sobre outras coisas contribuiu para incorporar Jaraguá ao mercado capitalista. O objetivo da CANG era assentar gratuitamente agricultores na região, distribuir também gratuitamente ferramentas, habitações, educação e orientações técnicas. Isto proporcionou o aumento e fortalecimento da produção agropecuária.

No início dos anos 50, outro projeto do governo federal foi implantado no Brasil, trata-se do “Programa de Metas” do presidente Juscelino Kubitschek. Nesta época foi construída a cidade de Brasília no planalto central vizinha da capital do Estado de Goiás – Goiânia, a nova capital do país teve ótima repercussão na economia goiana nesta fase de produção capitalista.

Esse processo de modernização que ocorre no estado de Goiás e em particular na cidade de Jaraguá ao longo de sua história, contribuiu muito para o

seu desenvolvimento no campo populacional, educacional, transporte, comércio, e agropecuária e que teve impacto direto no setor sócio-econômico e cultural do município.

A população urbana a partir de 1940 aumentou como também o seu núcleo urbano, pois surgiram novos bairros para abrigar a nova população.

Na educação foram fundadas novas instituições de ensino com ênfase para a escola de Artes e Indústria de Jaraguá.

Em relação aos transportes, a cidade de Jaraguá foi beneficiada historicamente pelas estradas que trouxeram desenvolvimento para o Estado de Goiás, sendo as principais a BR 14 (Transbrasiliana) e a BR 70 (Brasília a Cuiabá) que assim como a Transbrasiliana atravessa todo o território jaraguense de leste e oeste.

No comércio, a cidade foi beneficiada com redes bancárias como Banco do Brasil. Aumenta-se o número de estabelecimentos de comércio especializado como supermercados, casa da lavoura e empresa especializada de máquinas.

Na agropecuária, foram introduzidos na região novas raças de gado tanto de gado de corte como gado leiteiro. Outro fator de modernização da pecuária foi a utilização de silos, técnicas modernas de manejo, pastos artificiais dentre outros.

A sociedade jaraguense se materializou através das atividades produtiva, cultural e religiosa.

Desde os primórdios de sua existência Jaraguá se destacava entre as demais regiões de Goiás pela significativa expressão cultural e do modo de vida da população. Saint-Hilaire em suas viagens pelo interior do Brasil descreve a

população de Jaraguá como “uma população rica economicamente com uma formação intelectual e técnica diferenciada dos demais municípios (Sainte- Hilaire, 1975, p. 43).

Atualmente o município apresenta uma grande riqueza em termos de produção cultural, sítios históricos como a bela Serra do Jaraguá, a sua produção arquitetônica, especialmente pelo mobiliário dos edifícios residenciais do Centro Histórico da cidade, além das festas tradicionais, sobretudo a Festa do Divino, considerada a mais antiga e por isso a mais tradicional.

1.5 Principais festas do Estado de Goiás

As festas populares em particular as festas religiosas são acontecimentos de grande importância na cultura de um povo. Estas festas ou acontecimentos em geral são dedicadas aos santos ou santas e por isso são também conhecidas como festas religiosas.

Tradição do catolicismo popular, as festas religiosas são realizadas por devoções populares e pela igreja. Geralmente dividida em duas partes, uma parte conhecida como sagrada a outra a parte profana, pode-se acrescentar também nestas festas uma parte que Brandão (1981) denominou de eventos marginais.

Considera-se como parte religiosa da festa os rituais litúrgicos tais como: missas, novenas e procissões. Esses rituais pertencem exclusivamente ao domínio da instituição religiosa, portanto são “rigorosamente previstos e prescritos como ritual; possuem características de ritos religiosos e são considerado como cultos de louvor e homenagem às entidades sobrenaturais. (Brandão, 1981, p. 78).

A parte profana ou festiva cujos rituais não tem respaldo das instituições religiosas é tolerada. São os rituais ou produções populares. Fazem parte dos rituais não sagrados as danças, fogos de artifícios, bebidas e comidas. Essa parte da festa é segundo Brandão (1989) tão importante quanto a religiosa como salienta: “o devoto, resolvidas suas contas com o sagrado, entrega-se sem culpas a outros jogos de sedução” (Brandão, 1989, p. 13).

As festas em todo território nacional costumavam misturar os rituais religiosos com os profanos a ponto de confundi-los. Os viajantes que por aqui passavam se impressionavam com a mistura das coisas sagradas com as profanas. Observavam que havia também envolvimento de famílias de bem.

“Pois ali estão de mãos dadas: sacerdotes, freiras, homens de bem e o populacho da cidade. O que eles fazem juntos e quase sem diferenças, pois dentro da igreja e diante do altar, cantam ao som de bizarros instrumentos e dançam irreverentes e quase sensuais, em louvor ao santo. () Abraçando aos pares, ora em rodas, ei-los que celebram com dança um rito de fé. (Lery, Apud Brandão, 1989, p. 14)

Paralelo aos rituais não sagrados ou profanos estão os eventos marginais como foi denominado por Brandão. Como eventos marginais podemos classificar o comércio que se instala nas praças onde são comercializados alimentos e bebidas alcóolicas, e jogos de azar; os parquinhos de diversões e circos. Hoje, estão muito imbricados na cultura goiana e poderiam ser consideradas como eventos marginais, os “barzim”. Estes, durante as festas do Divino de Jaraguá ficam repletos de jovens, gorotas e gorotos com idade variando entre 18 e 25 anos, sentados nas mesas com os carros estacionados em frente ao estabelecimento. Muito embora não façam parte das programações oficiais,

estes sempre começam o movimento após as cerimônias religiosas, reafirmando a identidade cultural da família e do povo goiano em relação as suas tradições religiosas e sócio-culturais.

O respeito às tradições familiares e culturais do cidadão jaraguense tendo como pano de fundo as festas religiosas, foi observado pela autora na visita da folia aos jaraguenses residentes em Goiânia. Jovens recebem junto com seus pais a folia com muita devoção. Estes jovens são na maioria portadores de diplomas universitários, tais como arquitetura, medicina e psicologia.

As festas religiosas são também locais de encontro dos amigos, dos parentes dos namorados dentre outros. No caso da folia de Jaraguá que visita a comunidade jaraguense residente em Goiânia , é o encontro de dois grupos portadores das mesmas tradições culturais e religiosas separados geograficamente.

Interpretadas como festas religiosas ou manifestações culturais, as festas de santo em Goiás homenageam os santos protetores. Elas são um elemento fundamental da identidade cultural do povo goiano. Através dos rituais das festas que são peculiares a cada sociedade, região ou município, demonstram a sua organização social e os seus modos de ser.

Brandão (1989) reafirma esta posição pois de acordo com ele, “a festa é um acontecimento social de efeito identificador. Nas festas rurais do Brasil Central, podemos verificar isso mesmo nos níveis mais epidérmicos. Esses níveis são explicados por Brandão (1989): 1) as festas sempre homenageiam, louvam ou rememoram personagens ou símbolos; 2) as festas de cada sociedade procuram fazer-se através de formas e conteúdos simbolicamente exclusivos logo igualmente contrastivos e identificadores; 3) os rituais das festas são a forma

simplificada e simbolizada de vivência e expansão da própria organização social e dos seus modos de ser. A sociedade rural parece orgulhar-se de colocar em exposição sua cultura tradicional, a si mesmo, seus valores, seus parentes e sua história. (Brandão, 1989, p. 22).

Com raízes no meio rural, as festa de santos hoje pertencem ao domínio urbano. Hoje, as festas de santo em Goiás são praticadas em cidades de pequeno e médio porte. São as festas mais conhecidas do Estado: as festas do Divino Espírito Santo, a Semana Santa da cidade de Goiás, antiga Vila Boa, e as romarias de Trindade e do Muquém.

As festas de santo em Goiás têm também suas raízes na área rural, através do homem do campo que é muito religioso. Essa sua religiosidade advém das tradições sócio-culturais das famílias goianas e/ou também de sua natureza de homem simples. Solidário o homem do meio rural pede proteção Divina a tudo que permeia a sua existência como ser humano.

Segundo Deus (2002 p. 22) “para que chova, para que não chova muito e que a chuva não seja tão brava; para que não haja ventanias, para que não haja secas, para que o filho não fique doente; para que a filha não fique solteirona o homem do campo sempre se apega ao santo que lhe oferece proteção”.

Principais festas do Estado de Goiás

A festa do Divino Espírito Santo

A festa do Divino como é mais popularmente conhecida em Goiás, e a

mais antiga do Estado. Foi instituída em Portugal, por volta de 1271 pela rainha Isabel após o casamento com o rei Dom Diniz. A devoção se espalhou por todo o Império, até se radicar nos Açores, arquipélago distante 1500 km da costa portuguesa, constituído por nove ilhas, conhecidas como ilhas do Espírito Santo.

A festa é realizada em homenagem à terceira pessoa da Santíssima Trindade. E o Espírito Santo, fonte de amor e sabedoria, é representado pela pomba branca e por línguas de fogo, que pousaram sobre os apóstolos reunidos no cenáculo, em Pentecostes, cinqüenta dias após a Ressurreição.

No Brasil, o festejo do Divino Espírito Santo foi trazido pelos portugueses açorianos por volta de 1765.

De Portugal a festa do Divino no Brasil herdou o costume de coroar o imperador⁶ por ocasião das festividades. Os imperadores ou festeiros são pessoas comuns que são escolhidas para organizar a festa, são tidas também como o representante do santo na terra.

No Brasil, os festejos do Divino foram introduzidos em todos os estados, contudo, sua realização adquire maior relevância nos Estados do Centro-Oeste como é o caso de Goiás.

Introduzida em Goiás no período da mineração o costume preservou-se até os dias de hoje principalmente nas velhas cidades goianas fundadas no século XVIII.

Sempre realizada com muita pompa, era a única festa que se permitia a distribuição de alimentos aos pobres, sendo uma das características hoje da festa

⁶ O festeiro ou imperador, pessoa “sorteada” entre os membros da comunidade é a figura mais importante da festividade. É o responsável pela organização da festa, assistido pelos demais membros da comunidade, pois nesta festa há um grande envolvimento da comunidade local. Ao imperador segundo Silva (2001) “é dado um poder simbólico que o faz personagem central da festa”.

a comilança. Os símbolos do Divino são: Coroa, cetro, salva bandeira e verônica. A coroa representa a mais alta investidura; o cetro, o poder de mando de decisão; a salva é o símbolo da fartura da prosperidade e a bandeira na qual existem duas: a primeira ainda em quadro que sustenta o tecido onde se acha pintada ou aplicada a figura do Divino. A outra com a esfinge do Divino, são colocadas em vários lugares e usadas durante as folias.

Em Goiás a crença no Divino Espírito Santo é reconhecida como um dos principais focos das formas de religiosidade popular (Amaral, 1998).

Em cada município goiano onde a festa é realizada, ela tem uma forma peculiar de se expressar, uma característica diferente, um estilo próprio, ocorrendo o que Brandão (1982), chamou de “efeito identificador”.

Fazem parte dos festejos ao Divino: as folias, novenas, procissões, danças, banquetas e cavalhadas.

Festa religiosa móvel que dura em torno de dez dias, ela começa um ano antes com a realização do sorteio dos “encargos”, isto é os papéis ou função que cada indivíduo deverá exercer na festa; até o domingo do Divino com a procissão da coroa até a matriz onde se celebra a missa de encerramento da festa daquele ano⁷.

A festa dos Santos Pretos

A festa dos Santos Pretos (Brandão, 1978), é uma herança cultural deixada pelos escravos. Chamadas de Reinado e juizado, supõem-se que estas

⁷ Ver: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Cavalhadas de Pirenópolis. Goiânia: Oriente, 1981. Silva, Mônica Martins da. A festa do Divino: romanização, patrimônio e tradição em Pirenópolis (1890-1988). Goiânia, 2001. Deus, Maria Socorro de. História das festas religiosas em Goiás. Goiânia: Agepel, 2002.

festas aconteciam separadas desses festejos, sendo que a comemoração de São Benedito era comemorada em abril e a comemoração de Nossa Senhora do Rosário era em outubro. Foi a partir de 1840 que estas passaram a ser comemoradas juntamente com a festa do Divino.

Na visita da folia de Jaraguá aos cidadãos jaraguenses residentes em Goiânia, juntamente com os festeiros do Divino estão os festeiros de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Em Jaraguá, o louvor e o reinado de Nossa Senhora do Rosário e o juizado de São Benedito formam um conjunto de festejos tradicionais deste município.

Em Catalão, cidade ao sul do Estado de Goiás é realizado todo ano no mês de outubro a festa de Nossa Senhora do Rosário, esta é mais conhecida como Congada de Catalão.

A festa de Nossa Senhora do Rosário é também muito conhecida na cidade de Goiás. Nascida na Igreja Católica, mas com a devoção dos negros por Nossa Senhora do Rosário, a ela foi acrescentados elementos da cultura africana.

Segundo Brandão (1978), as festas de reinado e juizado, no início apresentavam uma organização distinta das que apresentam hoje, inseridas na festa do Divino. Elas apresentavam características semelhantes às do cortejo do Divino, muito embora possuíssem, com distinção, suas próprias funções, personagens e símbolos⁸.

A Semana Santa

Uma das manifestações religiosas (Silva, 2001), mais marcantes da cidade de Goiás é a celebração da Semana Santa. Em outras localidades como Pirenópolis e Trindade a festa das Semana Santa também é celebrada.

⁸ Ver: BRANDÃO, Carlos R. O Divino, o Santo e a Senhora. Rio de Janeiro: FUNART, 1978.

Destaca-se nesta celebração na cidade de Goiás a procissão do Senhor Morto e a do fogaréu.

Em Goiás, as comemorações da Paixão iniciam-se duas semanas antes da Páscoa. No sábado de passos, ocorre a chamada procissão do Encontro. Essa procissão consiste na representação da caminhada de Jesus agonizante até o calvário carregando a cruz, neste caminho ele encontra-se com sua mãe.

Coberto por um tecido roxo a imagem do Senhor sai da igreja de São Francisco e num determinado ponto da cidade encontra-se com a procissão de Nossa Senhora das Dores que sai da Igreja da Boa Morte, daí o nome de procissão do encontro.

No Domingo do Senhor dos Passos a imagem do santo é conduzida novamente pelas ruas da cidade, com parada em sete pontos em frente altares montados nas portas das residências onde se cantam os hinos. Posteriormente a imagem é transportada para a igreja e permanece lá até o próximo ano.

Muito conhecida na cidade de Goiás nas comemorações da Semana Santa é também a procissão do fogaréu. O nome fogaréu é devido a tochas usadas na escuridão da noite. As luzes da cidade são todas apagadas, e um grupo de pessoas com a cabeça coberta por capuzes e trajando túnicas escuras, portando cornetas e rebenques, este grupo que segue em frente da procissão, representam os soldados romanos que buscam Jesus

Na igreja do Rosário a mesa simbolicamente preparada representa a última ceia. Aqui faz-se uma breve parada com apresentação de alguns cantos litúrgicos. Após esse ritual os participantes retomam a sua marcha até a Igreja de São Francisco, onde um estandarte com uma pintura representando Jesus com

os braços amarrados por uma corda, como prisioneiro, é apresentado ao público, e nesse instante soam clarins anunciando a prisão de Jesus.

Na Quinta feira Santa celebra-se a cerimônia do lava-pés, nesta cerimônia onde o bispo derrama água sobre os pés de doze pessoas, simbolizando o mesmo ato repetido por Jesus na última ceia.

Na Sexta feira Santa, após todas as celebrações, a imagem de Nosso Senhor Morto é exposta para veneração dos fiéis e o Canto do Perdão. Os cantos são apresentados em locais diferentes nas diversas igrejas: Igreja do Rosário às 15 horas e na Igreja da Abadia às 16 horas e as 19 horas nas Igrejas de Santa Barbara e São Francisco.

Na cerimônia do canto do perdão, os fiéis conduzindo flores, colocam-se aos pares em fila diante do Senhor Morto. Após cantar sua súplica em versos redondilhos depositam uma flor e um beijo na imagem de Cristo.

Canto do Perdão

A Deus Clemente

Chegai, pecador; perdão vos pedimos

Perdoai, Senhor

Cada composição musical exige que se tenha um registro de voz diferente.

As 21:00 horas realiza-se a procissão do enterro, essa procissão é acompanhada pela banda de música executando dobradas fúnebres alternadas em batidas surdas de tambores.

Muito comemorado na Semana Santa, o Domingo da Aleluia ou Domingo de Páscoa é a celebração da ressurreição de Jesus, com procissão de madrugada.

O nome Domingo de Aleluia refere-se ao espetáculo da malhação do Judas. Na história bíblica, Judas após beijar Jesus, o traiu.

A malhação do Judas na cidade de Goiás acontece no Domingo pela manhã, recomenda-se a seus herdeiros os seus pertences tais como: roupas; botinas e trinta notas de dinheiro. O herdeiro é um tipo popular da cidade. Após a malhação do Judas inicia-se o período das folias, encerrando a quaresma na cidade de Goiás.

Os Santos padroeiros

Há uma tradição em Goiás de cada indivíduo ter o santo ou santa de sua preferência ou devoção .

Nas cidades há um santo que se destaca entre os demais santos, é o santo padroeiro. Este pode ser um santo, uma santa que às vezes pode ter uma titulação de Nossa Senhora, a mãe de Jesus. No Estado de Goiás muitas festividades são realizadas em homenagem aos santos e santas.

Uma festa muito conhecida em Goiás é a festa de São Sebastião, bastante comemorada pelas paróquias e por famílias particulares em fazendas. São Sebastião foi um soldado do Império Romano que ao tornar-se cristão foi torturado até a morte. O dia de São Sebastião é celebrado no dia 20 de janeiro. O ritual da festa de São Sebastião consiste em procissões, queima de fogos, levantamento de mastro, barraquinhas, quermesses e danças.

Santana é a padroeira das cidades. A festa de Santana é comemorada no dia 26 de julho dia que também se comemora o dia das avós, Santana foi a mãe de Maria conseqüentemente a avó de Jesus. Fazem parte das festas de Santana danças como: catira e curralaria.

São Gonçalo é festejado como o padroeiro dos violeiros e das mulheres que querem se casar. A principal atração da festa é a dança: a roda de São Gonçalo. Em Cavalcante, cidade histórica remanescente da mineração de Goiás, expressa-se o espírito religioso através da dança de São Gonçalo. O seu ritual sofre variações diversas que atingem os aspectos da cultura local.

Bastante homenageada no Estado de Goiás é Santa Luzia a protetora da visão. Padroeira da cidade de Luziânia essa festa é comemorada no dia 13 de dezembro. Na cidade de Posse na comemoração do dia de Santa Luzia colocam-se velas em todas as janelas das casas residenciais durante a procissão.

Outra festa bastante popular em Goiás é a festa de Nossa Senhora da Abadia. Padroeira da cidade de Goianésia, comemora-se essa festa no mês de julho com catiras, congadas e outros rituais religiosos.

Fazem parte também dos festejos goianos as festas dos santos juninos: Santo Antônio, São João e São Pedro.

O ritual típico desta festas são: a quadrilha, as barraquinhas, fogueiras, levantar os mastros com bandeiras com pintura do santo e as comidas típicas como: pé-de-moleque, canjica, pipoca, batata assada, dentre outras.

Santo Antônio conhecido como santo casamenteiro é comemorado no dia 13 de junho. São João, também conhecido como o mensageiro, tem o seu dia de comemoração no dia 24 de junho e São Pedro o *chaveiro do céu* é também conhecido como protetor das viúvas, seu dia é 29 de julho.

Muito tradicional em Goiás é a festa de Trindade. A romaria do Divino Pai Eterno acontece na cidade de Trindade. Trindade fica a 18 km de Goiânia cuja história é marcada pela religiosidade.

Iniciada em 1850 tem sido bastante freqüentada por gente de todo lugar de Goiás e também de outros Estados. É celebrada no primeiro Domingo de julho entretanto a festa começa uma semana antes com as novenas e com o grande contingente de pessoas que chegam para a festa, o comércio ambulante que se instala na cidade bem antes do dia principal de comemoração. Na semana que antecede a celebração da festa, os romeiros andarilhos, os camelôs chegam a cidade para o *dia da festa*. Cada qual, com seu interesse particular, seja para cumprir promessa, por devoção, para fazer comércio ou mesmo para se divertir.

Romaria do Muquém

A romaria do Muquém acontece no dia 15 de agosto nas proximidades da cidade de Niquelândia, numa região completamente desabitada a 300 km da cidade de Goiânia.

O lugar completamente desabitado se transforma numa cidade completamente habitada, dada a quantidade de romeiros que com suas barracas, carros de boi, ranchos cobertos de capim dão bastante movimento ao lugar.

Segundo Deus (2002) são duas versões mitológicas sobre a origem desta romaria. A primeira refere-se ao quilombo de escravos fugitivos que havia na região. Atacados presos e devolvidos aos seus senhores, os seus perseguidores encontram grande qualidade de carne moqueada sobre um braseiro. Era o dia de São Tomé que é comemorado dia 20 de dezembro, por

essas duas festas a localidade foi chamada de São Tomé do Muquém.

A outra versão é que no povoado havia um agricultor que era de origem portuguesa, este agricultor fizera uma promessa a Nossa Senhora da Abadia. Prometeu construir um altar em sua homenagem dentro da igreja de São Tomé, e cumpriu sua promessa.

No século XIX, esta romaria foi muito importante para a economia e para a vida religiosa, pois era o costume dos romeiros doar produtos ou dinheiro ao santuário.

A romaria do Muquém era como a de Trindade, um local de grande visitação por pessoas do próprio Estado e de outros Estados do país.

Dentro dessas festas de Santo, acontecem algumas manifestações populares. Em Goiás são os primeiros são: as folias, as cavalhadas, congadas e danças. As danças mais comuns são: catiras, tapuios e contradanças.

CAPITULO II

A COMUNIDADE MIGRANTE DE JARAGUÁ EM GOIÂNIA

Notas iniciais

Neste capítulo apresentaremos a comunidade jaraguense residente em Goiânia. Faremos um breve relato histórico sobre a cidade de Goiânia, sua fundação e o período entre 1950-1964 época em que Goiânia recebe grande contingente de imigrantes e migrantes entre esses os cidadão jaraguenses.

Apresentamos também o histórico das famílias que recebem a Folia do Divino em Goiânia e as festas religiosas do município de Jaraguá, os elementos de identificação cultural daquela comunidade.

2.1 As festas religiosas de Jaraguá: elementos de identificação social

Dentre os vários conceitos, significados teorias e pesquisas sobre o que vem a ser religião, pudemos depreender que a religião é o conjunto de atitudes, ações e representações simbólicas praticadas individual ou coletivamente, que são apreendidas e transmitidas pela cultura.

Das teorias clássicas sobre religião os estudos de Durkheim chamam a nossa atenção ao afirmar ser a religião “uma coisa eminentemente social e as representações religiosas que são parte das representações coletivas, exprimem realidades coletivas, os ritos são maneiras de agir que se destinam a suscitar, a manter ou a refazer certos estados mentais desses grupos” (Durkheim, 1989, p. 34) .

Considerada como um dos elementos básicos, constitutivos da cultura de toda a sociedade, para Durkheim tanto a “religião quanto os valores em geral são o alicerce dos fatos sociais e os fundamentos da estrutura social” (Durkheim, 1989, p. 3) .

Durkheim nos chama a atenção também pelo fato de relacionar religião às festas. E ele analisa de modo especial as solenidades dos povos primitivos, visto que, elas, “ao mesmo tempo que nos fazem compreender melhor a natureza do culto, essas representações rituais colocam em evidência um importante elemento da religião: o elemento recreativo e estético” (Durkheim, 1989, p. 452) .

A inter-relação entre festa e religião, se dá segundo Durkheim, pois ambos têm como objetivo a aproximação dos indivíduos, e esta aproximação se dá pelo estado de “efervescência que ambas propiciam; das transgressões às normas, dos excessos e dos exageros que ambas legitimam, e ou permitem. Durkheim observou que às vezes as transgressões às normas, os excessos e exageros das festas impossibilitavam de diferenciar a qual domínio pertenciam, se a cerimônia religiosa ou às recreações coletivas” (Durkheim, 1989, p. 453).

Na prática religiosa popular incluem-se as festas. Estas sempre

realizadas em homenagem a santos e padroeiros⁹, possuem não só funções simbólicas importantes como também são um elemento constitutivo do modo de vida de uma sociedade ou de um grupo social. São uma das maneiras mais comuns e preferidas dos povos e em particular dos povos brasileiros de expressar sua fé, sua religiosidade.

A festa como prática religiosa e de expressão de identidade cultural resistiu ao tempo e hoje ainda encontramos grupos que praticam esse ritual de fé, no qual projetam sua representação do mundo espiritual e cultural. Em Goiás os fatos que aconteceram ao longo de sua história “tiveram a participação integral dos membros da igreja, em todas as coisas, quando éramos ainda um mundo bárbaro primário. Todas as cidades e vilas e todas as corruptelas têm o timbre inicial dos símbolos cristãos” (Artiaga.1951, p.81).

No caso de Jaraguá, como vimos anteriormente, a religião teve um papel de grande importância assim como o econômico, o geográfico e o educacional na consolidação da sociedade.

Segundo Fonseca (1990, p. 102), a religião no município de Jaraguá foi implantada no início da colonização paulista no decorrer do século XVII. Ela veio não só proporcionar condições para que a sociedade como um todo criasse base para seu sustento material, como também elaborassem diversas formas de representações espirituais, através de laços de solidariedade, o que proporcionou a integração social daquela comunidade.

Em Jaraguá o catolicismo que se implantou foi o catolicismo oficial da coroa de Portugal. Entretanto, paralelo à religião oficial com seus sacramentos foi

⁹ Entre a divindade e os homens, estão seres santificados: santos que foram humanos e homens que estão mortos, mas salvos, todos sujeitos da sociedade celestial que existem e atuam como atores de relações (Brandão, 1992, p. 105).

se incorporando o chamado catolicismo popular com seus festejos e diversões.

O catolicismo popular é entendido como um sistema sincrético de crenças, ritos e símbolos, com seu calendário repleto de dias oferecidos aos santos, às romarias, aos padroeiros, e às festas. O catolicismo popular que foi difundido no Brasil no período colonial, tem significados diferentes de acordo com cada região do país. Há várias interpretações do que vem a ser catolicismo popular, dentre essas interpretações podemos compreender que ele é um ritual não oficial nem pertence às elites, pertence ao povo. Embora possuindo uma identidade própria, o catolicismo popular está sempre relacionado ao catolicismo oficial. Para existir, ele legitima seu caráter católico dentro do catolicismo oficial e este por sua vez não existe sem o catolicismo popular, muito embora a cultura católica oficial muitas vezes reprima a cultura católica popular conforme (Oliveira, 1972).

O entrelaçamento do catolicismo popular e oficial ocorreu em Jaraguá uma vez que na prática do catolicismo popular as festas eram práticas comuns dos rituais religiosos daquela população. Os representantes da igreja oficial da igreja católica em Jaraguá colaboravam com a realização deste ritual de fé.

A folia do Divino é um exemplo do ritual do catolicismo popular, em que foliões, indivíduos, vestidos de forma peculiar, vão cantando alegremente, pedindo esmolas para o Santo. Este ritual é aceito pelo catolicismo oficial como homenagem ao Divino Espírito Santo.

Segundo Oliveira (1972, p. 31):

O catolicismo popular é uma encarnação diversa daquela oficial, dentro de um universo simbólico e de uma linguagem e gramática diferentes, exatamente aquelas populares. Ele não deve ser encarado como desvio em relação ao catolicismo oficial, ele poderia ser

considerado sim como uma forma empobrecida e decadente do catolicismo.

Ainda de acordo com Oliveira (1972, p. 3) o catolicismo popular é aquele em que a constelação devocional e ou protetora, primam sobre as constelações sacramental e evangélica. Esta teoria é também o pensamento de Weber (1994, p. 394) que afirma que embora os rituais praticados pelos fiéis sejam semelhantes, os fiéis das classes privilegiadas buscam na religião a legitimação de sua situação de indivíduos privilegiados economicamente, “tudo de bom que tenho é graças ao Divino” (M. A, entrevista 2002), enquanto que os indivíduos das camadas pobres buscam especificamente salvar-se dos sofrimentos. “Minha irmã estava ameaçada de morte pelo marido”. O Divino tirou ela do Brasil, agora ela está salva longe daqui (G.A, R, entrevista, 2002).

Segundo Durkheim (1996, p.193), a religião é uma espécie de “técnica que permite ao indivíduo enfrentar o mundo com mais confiança”. Isso pode ser percebido na comunidade pesquisada pela afirmação : Recebo sempre as graças que eu peço, eu peço mais é saúde para trabalhar”. (M. J.S, entrevista, 2002). Para Durkheim, “todas as crenças religiosas supõem uma classificação das coisas reais ou ideais, em duas classes, em dois gêneros opostos, geralmente expressados por dois termos distintos que as palavras sagrado e profano traduzem bem”.

O mundo social do indivíduo é marcado por um mundo sagrado e um mundo profano.

A religião origina-se da efervescência coletiva de um grupo social. Em momentos particulares de entusiasmo coletivo, como as festas religiosas, os indivíduos fazem a experiência do sagrado que para Durkheim é a totalidade social.

Fazendo parte exclusivamente do domínio religioso, o sagrado é representado em símbolos, crenças e práticas religiosas, que contribuem para alimentar e refazer o próprio sentimento religioso”.

Meu irmão é o festeiro desse ano (2002) recebeu uma graça muito grande nos últimos dias, seu filho que estava desenganado pelos médicos com um problema sério na espinha. Ele se apegou ao Divino e o filho foi curado. Uma semana depois ele foi escolhido para ser o festeiro”. (A .M.F.S, entrevistada, 2002)

O sagrado é o símbolo da própria sociedade particularmente, o sentimento do sagrado é o sentimento de dependência do grupo social.

Durkheim descreve o sagrado a partir de sete características:

1. poder e força; 2. Ambíguo; 3. não é utilitário; 4. não é empírico; 5. não implica o conhecimento; 6. sustentação e força; 7. imperativa ético.

O sagrado está no centro de um sistema de práticas (positivas e negativas). Funciona como reguladoras do agir social dos membros e como integradoras da sociedade. No caso da comunidade afirma-se: Eu sou o mestre da banda, participo das missas, das novenas e já fui o festeiro em 1998 (P. A, entrevista, 2002).

A religião com seus rituais e símbolos sagrados permite ao indivíduo não só a prática da fé como também propicia-lhes condições físicas e psicológicas para enfrentar situações de adversidades e sofrimento ao mesmo tempo que lhes dá motivação, esperanças. Isto foi observado na comunidade , nas palavras de uma foliã.

Aconteceu um acidente terrível no ônibus em que meu filho viajava para Bahia, inclusive com mortes. O meu filho nada sofreu, neste dia a coroa do Divino estava na minha casa. Com esta visita intera 18 vezes que eu venho na folia, e enquanto o Divino me der forças eu

virei. (E., entrevista, 2002)

No contexto popular brasileiro (Cezar, 1976, p. 15), “predomina uma cultura positiva e otimista da vida, a despeito de todas as dificuldades (...). Assim superar o cotidiano de comer, vestir-se, morar e divertir-se é uma luta que só pode ser superada com a ajuda de Santos, de Deus e de forças sobrenaturais que estão acima da compreensão humana”.

A religião desempenha também uma função social determina e diferencia os indivíduos dentro da sua comunidade. Essa nossa análise parte do pensamento de Bourdieu (1998, p.45), que conceitua a religião a partir de sua função social, pois “os leigos não esperam da religião apenas justificações de existir capazes de livrá-los da angústia existencial, da contingência, da solidão, da miséria sociológica, da doença, do sofrimento ou da morte. Contam com ela também para que lhes forneça justificações de existir em uma posição social determinada, de existir como de fato existem, ou seja com todas as propriedades que lhes são socialmente inerentes. No caso da comunidade de Jaraguá os fiéis, além do conforto no sofrimento, contam com a religião para existirem em comunidade, tendo como base as relações familiares fortalecidas.

Na comunidade de Jaraguá todas as festas de santos contavam com novenas, rezas, alvoradas, missas, reuniões e “comes e bebes”.

No século XIX, durante os festejos, a cidade era tomada por pessoas de vários locais. Geralmente, todas as festas começavam com uma festiva alvorada. Os devotos acompanhados pela banca de música “Santa Cecília compartilhava de grandes momentos de fraternidade. Tais alvoradas (em número de três: no 1º dia, 6º e no 7º dia) partiam da porta da igreja matriz, onde se

cantavam hinos aos santos, em seguida a banda saía pelas ruas executando músicas tradicionais (valsas, dobradas, marchas, galopes e outras) (Fonseca, 1990, p.104).

Outro ritual comum nas festas de Jaraguá era que sempre aos sábados, logo pela manhã realizava-se um ato de solidariedade: a distribuição (um carro de boi) de carne bovina. A noite era realizada a procissão, que geralmente saía da praça do Rosário e chegava até a praça da Matriz. Neste local, em uma cerimônia especial, rezava-se o terço, ascendia fogueira. Os fogos artificiais iluminava a praça (Fonseca, 1990, p. 104).

Faz também parte das festas populares religiosas os leilões. Estes são realizados logo após as novenas, acontecem em local próximo a igreja ou mesmo no pátio das delas. “A comunidade reunia-se e faziam as costumes disputas em prol das prendas leiloadas “ (Almeida, 1982, p. 20).

“Arrematar leilões” é também uma forma de louvar o santo. Eu louvo o Divino participando das festas, indo as novenas, arrematando leilões” (G.J.G, entrevista, 2002).

No último dia de festejo: os folguedos populares mais comuns eram: a contra danças, a dança do tapuios e a cavalhada.

No período forte das festas em Jaraguá destacava-se a festa de São Sebastião.

Em Jaraguá, o santo protetor das atividades agropastoris, era São Sebastião e as atividades das festas a esse santo eram de bastante importância para o setor sócio-econômico da região. Assim, “no município, era grande o número de parceiros, agregados, camaradas e fazendeiros que se dirigiam à cidade para participar das missas, procissões, novenas e das barraquinhas. O

culto a São Sebastião, segundo Maria Augusta Barbosa Siqueira em entrevista a Fonseca (1990), estava relacionado às questões climáticas da época. Afirma ela que em Jaraguá “por muitos anos, o veranico de janeiro (época de estiagem), esteve próximo do período de realização da festa. Em razão disso, aumentavam as aflições diante de possibilidade de prejuízo com as colheitas e, conseqüentemente multiplicavam-se as promessas a São Sebastião no sentido de garantir a presença de chuva, com este objetivo e com a perspectiva de melhores colheitas e de uma pecuária promissora são oferecidas, pelos agricultores e fazendeiros, prendas a São Sebastião” (Fonseca, 1990, p. 108).

Com o processo de modernização introduzido no Estado a partir de 1930 (Marcha para Oeste) ocorreram mudanças na economia do Estado que afetam também outros segmentos da sociedade. Jaraguá, município de destaque econômico do Estado, absorve essas mudanças.

Com o processo de modernização em Jaraguá as festas religiosas que eram realizadas por quase dois séculos, “foram batendo em retirada à medida que o provincialismo cedia lugar ao moderno” (Etzel, 1995, p. 45).

O processo de modernização que tinha como modelo o desenvolvimento da economia e da política através da ruptura e negação do passado histórico, as festas que eram comemoradas com entusiasmo e pompa, aos poucos foram se perdendo no tempo e algumas chegando ao seu desaparecimento. Assim também as principais festas do município deixaram de acontecer, e outras se realizavam timidamente.

A festa do São Sebastião protetor dos fazendeiros deixou de ser realizada como festejo popular e toda a pompa do passado. Hoje são rezadas apenas as novenas entre os dias 11 e 20 de janeiro e no último dia uma missa de

encerramento. Essa festa teve grande importância no passado em Jaraguá principalmente pela sua ligação ao processo sócio-econômico, pois como já vimos o município durante a sua trajetória histórica teve como elementos de primordial importância para sua sobrevivência econômica os produtos da agricultura e da pecuária.

Com relação aos festejos de Nossa Senhora da Penha e Nossa Senhora da Conceição, advindas dos séculos passados, pode-se dizer o mesmo, antes da cidade ser alcançada pelo processo de modernização caracterizado pela implantação das indústrias de confecções e pela modernização da agricultura, estas deixaram de acontecer em sua forma tradicional. Assim, hoje muitas vezes nem o próprio jaraguense sabe quem é o santo ou a santa protetora da cidade. Não são mais celebradas as festividades de Nossa Senhora da Penha e Nossa Senhora da Conceição, com suas memoráveis procissões” (Almeida, 1982, p. 2).

Uma festa que nunca deixou de ser comemorada em Jaraguá mas por um tempo também foi realizada sem muita pompa foi a folia de Santo Reis.

No Brasil desde os primórdios da colonização, a folia de Santos Reis em Jaraguá acontece tanto na zona rural como na zona urbana.

Segundo Silva (apud Canezin, 1983) esta folia tem sua origem no município por volta de 1945 e está ligada ao contexto sócio-econômico da região. Esta folia começou no Córrego Grande (município de Jaraguá) que era, um lugar de muita miséria, tudo que plantava não era colhido.

Para livrar a população da miséria fizeram o voto de “tirar a Folia de Reis”.

A folia continua até os dias atuais com o pessoal do lugar, às custas daqueles que têm vontade de realizá-la.

No município, são diversos os locais onde acontece a folia dos Santos Reis, que se inicia no dia de Natal e prossegue até o dia 6 de janeiro, o dia dos Santos Reis.

Nos últimos anos as folias dos Santos Reis tem aumentado sensivelmente sua influência entre jaraguenses e turistas que visitam a festa na cidade (Fonseca, 1990).

Segundo nossas pesquisas, após um período de declínio, pois as festas religiosas não desapareceram totalmente, estas voltaram não da mesma forma que eram no passado, mas com alterações e mudanças para se adequar a nova realidade social da cidade que com o processo de modernização sofreu também mudanças nos seus diversos segmentos, pois como já vimos no início deste estudo, na modernização ocorre profundas mudanças na ordem social.

As festas religiosas sempre realizadas em homenagem a santos e padroeiros, possuem funções simbólicas importantes, segundo Fonseca (1990), foi a partir da primeira metade do século XVIII que as festas religiosas começaram a ser organizadas em Jaraguá. Primeiro vieram as festas de Nossa Senhora da Penha, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora da Conceição e São Benedito. Depois as festas do Divino e São Sebastião. Em 1840, o padre Silvestre agrupou as festas do Divino, Espírito Santo, Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. São até hoje comemoradas no mesmo dia estas três festas. Essas tornaram-se as mais festejadas no contexto da sociedade tradicional de Jaraguá.

O padre Silvestre juntamente com o padre Manoel Ribeiro de Freitas foram os responsáveis pelo restabelecimento dos principais festejos de Jaraguá.

As festas populares religiosas e em especial a festa do Divino Espírito Santo introduzidas no Brasil pelos colonizadores portugueses, tinham no passado

o aval da igreja e dos padres que além de celebrar os atos litúrgicos participavam também da organização da festa chegando até mesmo a concorrer ao cargo de imperador. Entretanto, com o processo de romanização da Igreja Católica iniciado no século XIX, a igreja toma outra posição em relação a estas celebrações consideradas “excessivas”.

A principal festa de Jaraguá segundo os entrevistados é a festa do Divino.

Quando perguntamos aos foliões e visitados dentre estas festas principais qual era a mais antiga unanime a resposta que afirma ser a festa do Divino a mais antiga da cidade. Apenas um entrevistado não soube responder.

A festa do Divino Espírito Santo, depois de um certo desaparecimento, voltou com “força total” e hoje é uma das mais populares e tradicionais de Jaraguá. Através dela, reestruturou-se também a banda da Santa Cecília que por algum tempo ficou também esquecida.

Para dar continuidade à festa do Divino a comunidade fundou a Irmandade do Divino Espírito Santo para resgatar a tradição e esse objetivo foi alcançado pois a festa do Divino hoje em Jaraguá, mesmo com as mudanças tem o mesmo peso dos anos que precederam o processo de modernização.

A festa do Divino se realiza em Jaraguá no período de 25 de maio a 02 de junho. Durante uma semana os foliões e festeiros se encontram em torno de rezas, cantorias e bastante comida.

De acordo com os documentos pesquisados, vimos que o festejo sofreu mudanças na sua realização anual.

Assim, o festejo tem a seguinte estrutura: ritos da Igreja Católica (do 1º ao 8º dia ou de sexta a sexta feira), novenas sempre às 19 horas e 15 minutos na

Matriz; sábado novena e procissão e domingo missa solene e sorteio de novo Imperador do Divino às 9:00 horas, novenas segunda de São Benedito e terça de Nossa Senhora do Rosário. Ritos populares ou “folguedos profanos” (de sexta a sexta feira) folia do Divino, alvoradas primeiro, sétimo e nono dias, leilões e apresentações de sexta a sábado na Matriz e segunda e terça subseqüentes na igreja do Rosário, cavalhada oitavo e nono dias, levantamento do mastro, fogos e fogueira no sábado; entrada da Rainha sábado às 16:00 horas, dança dos tapuios, contra dança, congada e o reinado do Imperador no domingo (ENCIDEC/DADM, 1982, SP).

Dentre as que se fortaleceram, no contexto da festa de pentecostes, está a cavalhada, realizada até os idos de 1960, em três dias: sábado, domingo e segunda. Porém, devido à proximidade de Jaraguá com Pirenópolis que também comemora o festejo do Divino em pentecostes e tem a cavalhada mais famosa do Centro-Oeste brasileiro, a organização da festa em Jaraguá representada pelo imperador do Divino e pela Irmandade do Divino Espírito Santo resolveu mudar o folguedo para sábado e domingo, na tentativa de fortalecer sua realização e não concorrer diretamente com sua vizinha (ENCIDEC/DADM, 1982, SP).

A cavalhada jaraguense que, significa a luta entre mouros e cristãos é apresentada em um campo de batalha especial, com organização própria, onde são definidos os territórios dos cristãos e dos mouros. Com um número de 24 cavaleiros distribuídos de igual modo entre os mouros de roupas vermelhas que representam os islamitas e os cristãos de roupas azuis que representam o cristianismo.

Atualmente a cavalhada constituiu-se, num dos folguedos mais atrativos do festejo, realizado sempre no sábado, às 16:00 horas contando com milhares

de pessoas da cidade e turistas que vêm participar do festejo. O desfile denominado de entrada da rainha, além de contar com a presença do rei e da rainha do Rosário, também conta com a participação de várias outras representações, como: dos cavaleiros da cavalhada, dos escravos (negros), dos colonizadores (portugueses), das riquezas da localidade (mineradores, agricultores, pecuaristas, comerciantes e industriais), de políticos e instituições modernas e mais uma centena de cavaleiros e cavaleiras, todos acompanhados pela banda de música com suas músicas tradicionais. Em desfile, percorrem cerca de quatro quilômetros da cidade saindo do Campo de Batalha, passando pelas avenidas Presidente Castelo Branco, ganhando a Coronel Tubertino Ferreira Rios, Coronel Elias da Fonseca chegando à Igreja de Nossa Senhora do Rosário. No sábado e no domingo de pentecostes a cidade é modificada, as indústrias fecham as portas, o comércio após grande animação devido ao festejo, perde a importância. Os automóveis, representantes do moderno, compartilham as ruas e avenidas com centenas de cavalos que desfilam livremente nos mais diversificados tipos, desde os “pangarés” ao mais puro “quarto de milha” configurando no mesmo espaço o moderno e o tradicional (Fonseca, 1990, p. 197).

2.2 Goiânia a capital da modernidade

A cidade moderna, quando se lhe proporcionam todos os elementos de vida e ao seu estabelecimento e à sua expansão se prende um plano racional, isto é, que obedece às determinações do urbanismo, é um centro de cultura de ordem de trabalho e de atividade bem coordenadas. Ela educa as massas populares, compõe-lhes e orienta-lhes as forças e os movimentos coletivos e desperta energias

extraordinárias entre os que aí vivem e ficam sob a sua influência civilizadora. Onde se estabelecer uma cidade moderna e bem aparelhada, surge a trindade econômica sobre o que se baseia a atividade material, que é ao mesmo tempo industrial, bancária e comercial, valorizando a terra numa grande extensão e evitando o êxodo das fortunas que nelas se formam, bem como a emigração de seus habitantes, principalmente dos que constituem a elite, os quais, é natural, só se sentem bem onde encontram campo vasto para suas atividades espirituais. (Relatório de Armando de Godoi, sobre a construção da nova Capital, apresentado a 24 de abril de 1933)

A capital do Estado de Goiás era a cidade de Vila Boa, fundada pelo Bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera no ciclo do ouro .

Com a queda do “ciclo do ouro” a cidade não mais apresentava os requisitos básicos para continuar como uma capital representativa de um Estado promissor.

As idéias de mudança da capital tiveram início com o primeiro governador da Província Conde dos Arcos que sugeriu a mudança para Meia Ponte, hoje Pirenópolis. Outros governadores da província também manifestaram a necessidade de mudança da capital. Assim, esta necessidade já era manifestada por governadores de Goiás desde o século XVIII, sendo concretizada por Pedro Ludovico Teixeira¹⁰ (médico em Rio Verde), que fora indicado, por Getúlio Vargas, ao governo do Estado de Goiás após a revolução de 1930.

Assim, cidade de Goiânia foi gestada nos anos 30, e nasceu da disputa pelo poder político entre as oligarquias¹¹ que dominavam o Estado de Goiás naquela época.

¹⁰ Pedro Ludovico Teixeira tinha idéias desenvolvimentistas, sendo uma delas a de “transformar Goiás”. (Chaul, 1997, p. 149)

¹¹ Oligarquias – grupos dominantes da região na primeira República.

Assim, em quatro de julho de 1932 na cidade de Silvânia, antiga Bonfim, foi feita a 1ª declaração sobre a transferência de capital do Estado de Goiás pelo então interventor do Estado Pedro Ludovico Teixeira.

A cidade de Goiânia foi construída dentro dos parâmetros modernos¹², muito embora a sociedade que apoiava a transferência estivesse ligada à estrutura fundiária. Entretanto, não só a construção ideológica de Goiânia tinha esta característica, como a sua própria construção física também. “Arquitetonicamente falando, Goiânia foi o símbolo do moderno e do urbano em solo rural” (Chaul, 1997, p. 177), (Foto 1)

Goiânia foi projetada pelo arquiteto carioca Atilio Correia Lima, representava a modernidade pela sua arquitetura arrojada através dos prédios de arquitetura *art nouveau*, seu planejamento urbano e traçado contemporâneo inspirado no partido clássico das cidades de “Versailles, Carlsruh e Washington, chamado de “*pate d’oie*” pelo aspecto monumental e nobre, como merece a capital de um grande Estado” (Mello, 1994, p. 44).

Paralelo aos problemas que são comuns a todos os eventos governamentais, tais como falta de verbas, dentre outros, a construção da capital enfrentava também os ataques políticos dos que eram contrários à transferência da capital. Entretanto, isto não intimidou a construção da nova capital, que era o símbolo da modernidade que por sua vez era o sinônimo de progresso, esperança de dias melhores para a população do Estado.

¹² As idéias de modernidade dessa época giravam em torno de se construir a representação da modernidade em contraposição ‘as idéias de decadência e atraso. A idéia de ruptura com o passado e a de progresso se mesclam na representação da modernidade, no geral no Brasil, e no particular em Goiás.

Para Pedro Ludovico a antiga capital era o símbolo do oligárquico, decadente e atrasado, e, Goiânia seria seu oposto. Goiânia também pela sua localização geográfica facilitaria o progresso do Estado inserindo-o no mercado capitalista e para os políticos ligados a Pedro Ludovico, a tão almejada modernidade seria concretizada na construção de Goiânia.

Foto –1 : Teatro Goiânia - símbolo da modernidade de Goiás



Fonte: *Secretaria de Planejamento Municipal de Goiânia - SEPLAM*

Indiferente às discussões contrárias à sua construção, Goiânia é concretizada em 1937¹³, reafirmando assim o sonho político de Pedro Ludovico de tirar o Estado do marasmo político-econômico e levar à sociedade esperança

¹³ O batismo cultural só se realizou a 5 de julho de 1942, com a presença de representantes e delegados do Sr. Presidente da República, dos Estados e dos Ministérios, além de altas autoridades civis, militares e religiosas e caravanas de todos os municípios goiano. Nessa ocasião realizou-se, pela primeira vez nesta Unidade da Federação, a Assembléia Geral dos dois Conselhos, do I.B.G.R., e o Congresso Nacional de Ensino.

de dias melhores.

Goiás foi inserido no cenário econômico nacional antes denominado periferia da economia nacional através da construção de Goiânia. Goiânia é o símbolo do novo, do progresso e passa a receber imigrantes e migrantes, gente de todo o país e do próprio Estado.

No início da década de 1950, Goiânia encontra-se estabelecida e solidificada como capital. Entretanto nesse período recebeu uma grande renovação de influências que deram um novo impulso ao seu desenvolvimento econômico e cultural. Assim entre 1950 a 1964 Goiânia teve um novo fluxo desenvolvimentista¹⁴.

Os fatores que contribuíram para esse desenvolvimento foram a chegada da ferrovia em 1951; a situação econômica e financeira do Brasil no pós-guerra; a política de interiorização do Governo do presidente Getúlio Vargas (1951-1954); a política desenvolvimentista do Dr. Pedro Ludovico Teixeira (1951-1954); a expectativa e posteriormente a construção de Brasília (1954 a 1960); a política de desenvolvimento para a região no Governo do Presidente Juscelino Kubitschek.; o governo planejado do governador Mauro Borges (1961-1964); a pavimentação da rodovia Goiânia - São Paulo, BR 153 em 1956; a abertura da Rodovia – Brasília, Rodovia Bernardo Sayão, com a integração de todo o norte do Estado ao País; a inauguração da Telegoiás e expansão da rede de telefones (1962); a intensificação crescente, no período, das atividades comerciais e industriais de pequeno e médio porte; a consolidação de Goiânia como pólo da região Centro-Oeste; o desenvolvimento agropecuário do Estado, principalmente

¹⁴ Ver MORAIS, Sérgio. O empreendedor imobiliário e o Estado: o processo de expansão de Goiânia em direção Sul (1975-1985, 1990, -. 37-38.

ao sul e no sudoeste; a criação de duas Universidades – A Universidade Federal de Goiás (UFG) e a Universidade Católica de Goiás (UCG) que trouxeram para Goiânia a efervescência político-ideológica gerada, em parte, pela euforia desenvolvimentista; a instituição do processo de planejamento, primeiro do município, com a elaboração dos novos planos para Goiânia, Luis Saia (1959 a 1962) e posteriormente no Governo do Estado (1962) (Moraes, 1990, p. 25).

Esse processo de desenvolvimento provocou um grande crescimento populacional em Goiânia. Em 1950 a cidade contava com 53.000 habitantes. Em 1960 a população chegou a 151.000 e em 1964 atingiu um total de 260.000 habitantes.

Nesta época tanto a cidade de Goiânia como o Estado de Goiás passavam a fazer parte do processo que se estabelecia mundialmente.

E quem visita Goiânia, hoje, reafirma as palavras proféticas de Armando de Godói, que inicia este capítulo.

2.3 – A comunidade migrante de Jaraguá em Goiânia

Jaraguá entre os anos de 1872 e 1890 situou-se entre os municípios da capitania de Goiás que tiveram maior desenvolvimento populacional. Foi um dos municípios que conseguiu sobreviver com a queda do ciclo do ouro, isto por que a agricultura e a pecuária garantiram sua sobrevivência. Isto levou para a região várias correntes migratórias que contribuíram para o seu desenvolvimento populacional e econômico.

Segundo Duarte (1999), três correntes migratórias contribuíram para o seu desenvolvimento populacional de Jaraguá: uma das correntes migratórias que

ajudaram no crescimento da população foi a oriunda dos antigos centros mineratórios que com a decadência do ouro, esses desaparecem. Além dos mineradores outra corrente de migrantes que contribuíram para engrossar a população de Jaraguá foram os migrantes de povoamentos mais recentes do sul e sudeste de Goiás e do triângulo mineiro. No século XIX, Jaraguá recebeu outra corrente migratória: os tropeiros que para lá se dirigiram com o intuito de expandir a criação de gado buscando mais terras, nessa região. Esses tropeiros não eram bem vistos pela população local.

Segundo Duarte (1990, p. 104), esses migrantes por serem oriundos de uma região que tinham uma articulação maior com os centros dinâmicos da economia tinham uma mentalidade um pouco diferente da que prevalecia nas antigas regiões mineradoras como no caso a de Jaraguá. E uma visão diferente a respeito do trabalho na lavoura e pecuária.

Essa visão trouxe para Jaraguá uma nova forma de controle do poder e *status*: o poder econômico.

Esse processo migratório teve significação para Jaraguá, pois muitos destes migrantes exerceram influência na sociedade, como é o caso do padre Silvestre¹⁵ que de acordo com todos os autores pesquisados foi um grande propagador da religiosidade em Jaraguá.

Algumas dessas famílias conseguiram sobressair economicamente, casaram-se com pessoas de elite local e exerceram influência tanto na vida política como social do município.

¹⁵ Pe. Silvestre Alvares da Silva – natural de arraial de Cocal, transferiu-se para Jaraguá ao final do século XVIII, mas precisamente no dia 5 de janeiro de 1805. Faleceu em 20 de maio de 1864 aos 91 anos de idade. Encontrei referências também sobre a sua atuação política, foi representante de Goiás na constituinte de 1823. ver: LÔBO, José Ferreira de Souza. Goiânia Ilustre. Goiânia: Oriente, 1974, p. 58.

A elite dominante do período mineratório tinha como modelo a seguir a cultura portuguesa, isto porque os portugueses traziam na sua bagagem a cultura européia, uma cultura mais elaborada mais letrada (Duarte, 1999, p. 114).

Constituía fatores importantes para o indivíduo participar do círculo do poder de Jaraguá no período mineratório: a descendência portuguesa, a religiosidade e a erudição.

A religião e a escrita eram elementos que se “impuseram como diferenciadores em um processo de estratificação social” (Duarte, 1999, p. 116).

A sociedade jaraguense foi se mesclando através dessas correntes migratórias, e assimilando novos elementos à sua cultura.

As figuras do tropeiro, de criadores de gado e fazendeiros se sobrepuseram à elite tradicional e passaram a exercer o poder na sociedade. A propriedade da terra passou a ser também o elemento de *status* e poder na sociedade jaraguense.

A elite jaraguense foi estruturada em parte pelos elementos da cultura do período mineratório e em parte pelas agrárias.

Segundo Duarte (1999) as famílias que faziam parte da elite dominante de Jaraguá eram: os Félix de Souza, Amorim, Carvalho, Gomes Pereira da Silva, Rios, Fonseca, Barbo Siqueira, Camargo e outros. O poder político embora dirigido efetivamente pelos Castros e Ribeiro de Freitas, é controlado por essas famílias.

Tomando como referência o desenvolvimento do município de Jaraguá, vimos que apesar do seu desenvolvimento sócio-econômico cultural, ela não foi capaz de assegurar à sua população elementos básicos para sua sobrevivência, sendo que alguns saíram da cidade em busca de melhores condições de estudo

como é o caso do Sr. Francisco 66 anos (dentista) que há 46 anos reside em Goiânia. Ele veio para Goiânia para fazer faculdade, pois em Jaraguá na época não tinha faculdade. “Eu cheguei aqui em Goiânia em 1956, eu era um rapazinho tinha 17 anos vim para estudar (F.J.P, entrevista 2002).

A comunidade de Jaraguá residente em Goiânia, isto é, as vinte famílias que recebem a folia do Divino de Jaraguá, nasceram em Jaraguá e até um determinado tempo de suas vidas, mais ou menos até 20 anos, viveram lá. Essa comunidade é composta por indivíduos de alto nível sócio-econômico-cultural, são advogados, dentistas, economistas, professores, universitários, empresários e funcionários públicos. Todas pertencem às tradicionais famílias jaraguenses, advêm de políticos, músicos, poetas e escritores.

Eu tinha dezoito anos quando mudei para Goiânia e estou aqui há mais ou menos deixa ver.... hoje eu estou com 58 anos, estou aqui há 40 anos. (E.A, entrevista, 2002)

Eu morei em Jaraguá até os 45 anos, mas na juventude morei por cinco anos em Goiânia na época eu tinha 20 anos. Depois voltei para Jaraguá, fiquei lá por mais ou menos 20 anos, agora faz 25 que eu estou aqui definitivamente. (L.,R. entrevista, 2002)

Vieram para Goiânia em busca de melhores condições de estudo, uma vez que Jaraguá há 45 anos atrás não oferecia condições a seus habitantes de educação a nível superior¹⁶.

Quando eu tinha 20 anos eu vim para Goiânia, para estudar, fiz o curso de Direito fiquei aqui cinco anos estudando. (H.L. entrevista, 2002)

¹⁶ Esta época coincide com a construção das duas Universidades de Goiânia: Universidade Católica de Goiás e Universidade Federal de Goiás. Até hoje constituem a referência educacional do Estado de Goiás. A construção das Universidades foi de suma importância para a comunidade goiana, pois muito tempo as famílias tinham que “mandar seus filhos” para estudar em outras cidades como Rio de Janeiro.

Eu vim para Goiânia para estudar eu tinha 21 anos, no começo eu não entrei para a faculdade não fui terminar o clássico depois é que entrei na faculdade¹⁷. (M. A, entrevista, 2002)

Edificada no final dos anos 30, Goiânia teve seu segundo período de desenvolvimento a partir dos anos 50. Uma leva de imigrantes e migrantes aqui chegam em busca de oportunidades. A comunidade migrante de Jaraguá em Goiânia faz parte desse contingente. É o caso de Eliana Amorim, comerciante e artista plástica há 40 anos residente em Goiânia, Honorina, economista que reside em Goiânia há 41 anos e Elizabeth, pedagoga que desde 1957 reside em Goiânia. D^a Ivete, funcionária apresentada dos correios reside em Goiânia há 50 anos.

Tempo de moradia do visitado em Goiânia

Anos	10-20	20-30	30-40	40-50	50-60	Acima de 60
Proporção		5%	20%	75%	5%	0%

Vale ainda ressaltar que a comunidade em estudo ao se transferir para capital se acomodou em diferentes setores da cidade, mas em geral nos bairros da região sul, em bairros nobres da cidade, conforme o roteiro da “Folia do Divino” de Jaraguá visitando Goiânia em 20 de abril de 2002.

¹⁷ Clássico corresponde atualmente ao II grau, há 40 anos era conhecido como clássico ou científico.

“FOLIA DO DIVINO” DE JARAGUÁ VISITANDO GOIÂNIA

EM 20 DE ABRIL DE 2002

Família João Fernandes de Castro e Umbelina (Nica) – Av. Itaberaí 536 St. S. Judas Tadeu	205-1575	6 horas e 45 minutos
Família Patrocínio e Conceição Macedo (Mariangela) – Estrada B – 235 Jd, N. Mundo	206-1509	Café da manhã 7 horas e 40 minutos
Colégio M ^a Betânia/ Maria Augusta – Família Barbo de Siqueira – Rua 250, 657 – St. Coimbra	233-2602	8 horas e 50 minutos
Maria Rita de Cássia V. Carvalho – Rua T-40 Qd. 7 Lt. 27 n. 195 – St. Bueno	285-7904	9 horas e 45 minutos
Família Félix de Souza – (Iracema) – Ana Maria – Rua 236, n. 285 – St. Coimbra	233-1833	10 horas e 20 minutos
Família Machado Milhomen (Ivete) - Rua Inácio Zacarias, 376 – St. Centro Oeste (Próximo Mercado e feira da Vila Operária)	233-5410	10 horas e 50 minutos
Família Amorim (Eliana) – Rua Lateral da Jorlan (parte de cima) – St. Aeroporto	225-0543	11 horas e 30 minutos
Família Soares de Castro – (Nilza) – Av. K, n. 252 – St. Aeroporto	224-5045	12 horas
Família Tavares e Pereira da Rocha (Lulu) – Av. T.2, n. 1330 – St. Oeste	251-7002	12 horas e 40 minutos
Dra. Antônia de Paula Rocha e Família – Rua C-120 Qd. 226 Lt. 8 – Jd. América	286-2591 286-3576	13 hora e 10 minutos
Família Melo Amorim – (filhos Elói e Linéia) – Av. T-63, esq. c/ C-153 – Jd. América (Colégio)	251-8939	Almoço 14 horas
Família Amorim Ramos (Márcia e filhos) – Rua S-3 Qd. S10 Lt. 15 – St. Bela Vista (Subindo Av. 85 – Vira esquerda 1 ^a Rótula após a T-63)	255-7386 9997207	16 horas
Gilda Batista dos Santos (Safia) – Av. 3 ^o Radial Qd. 129 Lt. 26 – Sobrado Azul – St. P. Ludovico (3 ^a quadra após o Term. Izidora)		16 horas e 45 minutos
Família Freitas Castro (Vera) – Av. 5 ^a Radial – Residencial 5 ^a Av. – St. Bela Vista	255-1756	17 horas e 15 minutos
Família Freitas Rios (Cacilda Terezinha) – Rua 98, n. 150 – St. Sul	225-5769	17 horas e 45 minutos
Honorina e Luiza (Família de Lulu Lopes e de Lourdes) – Av. C. Q. A18 – Jd. Goiás	218-1964	18 horas e 30 minutos
Maria das Graças Cardoso e Família – Rua 237, n. 51 – St. Universitário	218-1910	19 horas e 10 minutos
Família Camargo (Maria de Lurdes –Lurdinha) – Rua 801, Q. M – Lt. 10 – Vila Santa Isabel	202-0889	19 horas e 50 minutos
Família Alvares da Silva (Marlene e irmãos) – Rua 808, n. 151 – Vila Santa Isabel	261-1470	Recolhida 20 horas e 45 minutos

A Associação dos Defensores do Patrimônio Histórico de Cultura de Jaraguá – (ADPHCJ)¹⁸, traçou um perfil das famílias que recebem a visita. Através desse documento elaboramos e descrevemos dados sobre essas famílias.

A Dona Maria Augusta, que recebe a folia na escola de sua propriedade e também é a mentora deste projeto, está em Goiânia há 47 anos, foi professora universitária e hoje dirige uma escola de 1º e 2º graus de sua propriedade. Recebe a visita em sua escola desde a primeira vez que a folia veio a Goiânia. Descendente de várias gerações de jaraguense possuidora de grande força e liderança, legado de seus antepassados que eram músicos, políticos e intelectuais, luta com bastante afinco e gana pela valorização de sua terra natal. Está sempre acompanhada pelos filhos e netos quando da visita da folia.

Mesmo estando em um contexto social diferente da sua origem ela sente a necessidade de reviver suas tradições.

Segundo Giddens (1991, p. 43), a reflexividade é uma característica definidora de toda ação humana. Todos os seres humanos rotineiramente se mantêm em contato com as bases ao que fazem como parte integrante do fazer. Isto ele denominou de “monitoração reflexiva da ação”.

Nas culturas tradicionais, continua Giddens (1991, p. 44) o passado é honrado e os símbolos valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações, a tradição é um modo de integrar a monitoração da ação com a organização tempo-espacial da comunidade. Ela é uma maneira de lidar com o

¹⁸ ADPHCJ, Documento Mimeografado da Associação dos Defensores do Patrimônio Cultural de Jaraguá que além de relatos das festas da comunidade de Jaraguá em Goiânia, contém também informações sobre as famílias que recebem a folia. Me foi fornecido pela Sra. Maria Augusta Barbo Siqueira em 2002.

tempo e o espaço, que se qualquer atividade ou experiência particular dentro da continuidade do passado, presente e futuro sendo estes por sua vez estruturados por práticas sociais recorrentes. A tradição não é inteiramente estática, por que ela tem que ser reinventada a cada nova geração conforme assume sua herança cultural dos precedentes. A tradição não só resiste à mudança como também pertence a um contexto no qual há, separados, poucos marcadores temporais e especiais em cujos termos a mudança pode ter alguma forma significativa.

O passado só é preservado se for continuamente reconstruído e para ser reconstruído depende do presente. Essa reconstrução que pode ser em parte individual mas é em parte necessariamente coletiva, dependendo assim de pessoas ou um grupo de pessoas.

A Folia do Divino para ser preservada como tradição dos jaraguenses residentes em Goiânia, necessita de um grupo de vinte famílias. Essas famílias podem ser comparadas ao que Giddens (1997) denominou de guardiões da memória. Com bastante força e importância dentro da tradição, acredita-se que eles são os agentes, ou mediadores.

Para continuar a tradição e manter sua identidade cultural a comunidade conta com famílias como a de D. Nica.

A alvorada sempre aconteceu na casa de Dona Nica, que é filha de renomado músico jaraguense, que dava brilho às festas jaraguenses no passado. Educou seus filhos na fé católica e na valorização do ser humano, o filho Ronaldo é um dos organizadores da visita juntamente com a Dona Maria Augusta.

Essa família é exemplo de referência de guardiões da memória de jaraguense, não só pelo status tradicional, uma das características do guardião no pensamento de Giddens (1997) mas também pela competência de animar as

festas, pois nas tradições das festas populares a maneira de com festeiro ou responsável pela preparação e execução da mesma é importante. Isto pode ser afirmado pelos estudos de Brandão.

Nas unidades de convivência e as de participação uma das diferenças mais acentuadas segundo Brandão (1992, p. 147) “e o reconhecimento da necessidade e aceitação da existência de um sujeito ou de uma equipe de pessoas, a quem a chefia de uma atividade é entregue. O sucesso de um evento vai depender de como é esse chefe”. Assim, continua Brandão (1992, p. 148)

“um bom mutirão depende muito dos companheiros de trabalho que se apresenta. De seu empenho na labuta, de sua animação, para fazê-la festiva, de suas qualidades artísticas para cantarem o *brão* e colocarem nas linhas bons enigmas que entoam a seco e devem ser decifradas enquanto se trabalha. Mas o bom mutirão depende essencialmente de um bom patrão: de sua capacidade de animar os trabalhadores voluntários, de ritualizar sua experiência afinal rotineira e apenas festiva por que é feita com muitas pessoas reunidas e, supostamente debaixo de festa. A festa e no entender de Brandão, o festeiro. Assim dele depende a finalidade de uma festa: “uma festa é lembrada pelas qualidades do festeiro, como uma honraria da memória coletiva que reconhece na diferença entre ela e as outras, as qualidades de festeiro do seu idealizador”.

Para Brandão o que bem sintetiza um bom festeiro é a expressão weberiana carisma.

Nosso entendimento é que o bom festeiro ou chefe é aquele que é administrador nato, “saiba administrar afetiva e efetivamente as pessoas e os grupos que sob seu comando direto ou indireto figura a festa e festam o feito (Brandão, 1992, p. 150).

Outra família que é exemplo de guardião da memória coletiva

jaraguense é o Sr. Francisco Patrocínio, no seu depoimento ela afirma ser muito importante viver as suas tradições.

Receber a folia significa reviver a nossa história, nossa tradição por que está é muito antiga. desde de criança eu ouvia falar do Divino, e olha a minha idade eu tenho 66 anos. Eu acompanhava o meu avô na Folia de Reis, foi ele que inventou a Folia de Reis de Jaraguá... Eu acho importante receber a Folia para repassar as nossas tradições para as novas gerações da família (...) Todas as vezes que minha família recebe a folia nós choramos muito. (F.P, entrevista, 2002)

A família Patrocínio é grande incentivadora deste evento. De grande tradição, pois são habitantes de um dos primeiros locais a serem ocupados pela lavoura em Jaraguá no século XVIII, hoje são representados pelos filhos, assim cada ano um filho recebe a folia na sua casa para homenagear sua mãe já falecida. Esta família sempre oferece o tradicional café da manhã aos foliões, embora estas já tenham feito um jejum na primeira casa que foi visitada.

Quando falamos do tradicional café da manhã, temos a impressão de que trata-se da primeira refeição dos foliões, entretanto, na primeira casa a ser visitada onde acontece a alvorada aos foliões foi servido um lanche digno de um café da manhã. A visita é toda permeada pelo elemento comida e bebida reforçando assim a tradição e revivendo a memória.

A memória coletiva segundo Halbwachs (apud Giddens, 1997) é baseada nas práticas sociais, as famílias que recebem a Folia do Divino procuram seguir os rituais dessa tradição, a D. Lurdinha que ofereceu o jantar deste ano (2002) não tinha um local adequado em sua residência que comportasse todos os foliões e comunidades, assim alugou um espaço para celebrar esse ritual. O ritual

é um dos meios mais práticos de garantir a preservação e a tradição.

Muito empenhada na continuidade da sua cultura, a família de Lourdes Lopes (Lurdinha) recebe com muita devoção e alegria a coroa do Divino. Esta senhora pertence à ilustre família Espírito Santo Cardoso, sendo que tem como personagem de destaque o Brigadeiro Felicíssimo do Espírito Santo que no passado foi presidente da província de Goiás.

Segundo Brandão, alguns folguedos folclóricos reúnem sem separação extrema de papéis dentro de mesmo ritual ricos e pobres . A folia de Jaraguá que visita Goiânia reúne dois grupos: os jaraguenses residentes em Jaraguá que representam os foliões e os jaraguenses residentes em Goiânia que recebem os foliões. São grupos diferenciados que se reúnem para celebrar o mesmo ritual.

A família de D. Lurdinha assim como as demais família que recebem a folia é um exemplo de que a festa do Divino é realizada sob o controle: das autoridades da cidade podem ser as pessoas em, melhor condições financeiras como fazendeiros, comerciantes, empresários etc., como pessoas que gozam algum tipo de prestígio local, comportando, evidentemente, exceções. As pessoas que promovem a Festa do Divino ocupam, geralmente, posições derivadas das relações de trabalho na sociedade local, seja este trabalho urbano ou rural. São conhecidos que se organizam para esta finalidade, e os candidatos a festeiro em geral são fazendeiros, comerciantes ou outros que se conhecem de algum modo através de relações de trabalho. Em certos casos, ocupam posições específicas na festa por causa das posições que ocupam na sociedade. Assim, combinam-se os dois sistemas: o da festa e o das relações sociais (Amaral, 1998, p. 5).

As pessoas da comunidade afirmam que a senhora Vera de Freitas é dentetora de uma admirável fé e força nos momentos difíceis da vida. Juntamente

com seus filhos recebe a folia com alegria e emoção. Ela é membro das famílias Ribeiro de Freitas e Soares de Castro, casais de grande religiosidade e devoção, que introduziram de modo socializante a comemoração anual do dia de São José (19 de março) padroeiro das famílias e que é até hoje louvado por seus descendentes, familiares e amigos. Esta senhora é neta de um músico e compositor famoso no passado de Jaraguá.

O surgimento da devoção e criação do dia de São José por esta família se deu pelo fato e que em Jaraguá assim como nas cidades do interior e região rural a presença de padres ou autoridades eclesiais era quase inexistente, a figura destes era em geral substituída por pessoas que tinham um papel de liderança. As famílias se reuniam em torno de rezas e terços para praticarem sua religiosidade, especialmente cultos em louvor aos santos de sua devoção.

Segundo Freyre (apud Guimarães) famílias importantes tinham tradicionalmente suas próprias imagens de santos, ou seus santos que eram passados de geração para geração.

Tendo como santo de sua devoção o Divino outra pessoa que recebe a folia juntamente com sua família é a senhora Eliana Amorim. Esta família cultua e valoriza as tradições culturais de sua terra. Descendente de músicos, ela também herdou o dom artístico da família é artista plástica. Na política tem como membro ilustre e chefe político o intendente Francisco Policarpo Amorim.

De família muito antiga em Jaraguá o senhor Lulu, Luiz Pereira da Rocha, e sua esposa e filhos recebem com grande devoção e fé as tradições culturais de Jaraguá.

Fazendo parte da história do cenário histórico de Jaraguá a ilustre família de Iracema Félix de Souza, faz parte também do cenário militar e

intelectual da cidade de Jaraguá desde o início do século XIX. Seu avô chefe político da cidade na primeira metade do século passado é também o construtor da capela de Nossa Senhora da Conceição. Dona Iracema Félix de Souza, hoje com 93 anos de idade e ainda recebe a visita da folia, sendo que nunca deixou de recebê-la uma vez se quer, assim, são 18 anos que ela e seus filhos, netos e sobrinhos se reúnem para festejar as tradições de sua terra.

Ministra da eucaristia e devota do Divino, Dona Ivete é descendente de duas famílias de grande prestígio de Jaraguá. Estas famílias estão na região desde as primeiras décadas do século passado. Descendente do Brigadeiro Feliciano do Espírito Santo, ela e seus filhos, familiares e vizinhos recebem os foliões com muita alegria. Muitos vizinhos participam da festa, segundo ela mesma quando se aproxima da visita, estes já começam a lhe perguntar “quando vem a folia na sua casa” (Entrevista 2002).

O catolicismo oficial é um catolicismo tipo ideal quanto à sua doutrina (sistema cognitivo) o seu culto (sistema expressivo) e as suas normas e valores (sistema normativo). No catolicismo popular as ações rituais dependem do pensamento mágico, a comunicação com o sagrado é introduzida pela ação ritual que é executada como um apoderar-se sem palavras.

Linea Amorim e Eloi Melo, são homenageados por seus filhos que agora recebem a visita da folia, que demonstra a devoção ao valor das tradições culturais. A família Amorim é descendente do Genearca Luiz Alves de Amorim que era o capitão da cavalaria por provisão do Governador da capitania de Goiás. Descendem também de músicos, políticos e intelectuais.

Os filhos do casal supracitado que recebem o Divino praticam o catolicismo popular internalizado. A recepção da religião pelo indivíduo

(tradicional, internalizado) possível nos diversos contextos sócio-econômicos (cidade/interior), é o critério para a tipologia do catolicismo popular proposto por Cândido Procópio Ferreira de Camargo.(SUESS, 1979, p.102)

No catolicismo internalizado se aperfeiçoa a consciência religiosa cultural. Desenvolve-se um estilo de vida consciente determinado pela religião.

Para dar continuidade as tradições culturais de Jaraguá, outra família que recebe a visita é a Sr^a. Maria das Graças, que apesar de não ser natural de Jaraguá (nasceu em Rubiataba) mas é jaraguense por adoção, orgulha-se pelas tradições culturais e espirituais de sua terra adotiva.

Para reviver sua cultura e tradições as famílias recebem a visita da folia. Recebendo a folia há oito anos Dona Antônia é natural de Mossamedes. Foi criada dentro dos costumes religiosos e para ela receber a folia vem de tradição, uma vez que os seus avós eram sempre visitados pela folia na fazenda onde morava, a fazenda era “pouso”. Ela morou em muitas cidades do interior por motivo da profissão (promotora de justiça), foi na cidade de Jaraguá que ela mais se identificou com a festa, isto aconteceu segundo ela, pela dedicação, fé e pelos laços que criou com a cidade e as pessoas. Isto pode ser confirmado por suas palavras:

“A comunidade de Jaraguá é muito religiosa, muito dedicada a fé dos seus antepassados, isto me emocionava” (A .P.R, entrevista, 2002).

A vida religiosa da comunidade e da cultura rural tem como elementos principais a fé tradicional e o comportamento dos seus antepassados. Característica do catolicismo popular no qual segundo Sues (1979) a magia e a religião coexistem numa simbiose ritual. A concepção fundamental da vida é

formada por uma atitude fatalista e uma fé inabalável na providência. Dificilmente são aceitas alternativas religiosas que ameaçam a segurança fundada na tradição.

O casal Silvia Catarina de Castro Guimarães e José Silvério Peixoto Guimarães recebem a visita da folia. Silvia tem por ancestrais várias gerações de personalidades que fizeram a história de Jaraguá. Filha de Irtes Alves de Castro Ribeiro, Silvio de Castro Ribeiro. Os Alves da Costa eram grandes proprietários de terras e das mais belas casas da cidade. Pelo lado paterno é neta de Diogenes de Castro Ribeiro (personagem de grande destaque pela sua habilidade política) que por sua vez era descendente do Cel. Tubertino Ferreira Rios, grande chefe político do final do século XIX e início do século XX.

Silvinha recebendo a folia de sua terra natal, está reverenciando seus ancestrais que lhe deram nome, memória, princípios e valorização de suas raízes.

O Sr Isodoro Gomes Pereira da Silva e Silvia Tomei é um casal de grande devoção e valoriza suas raízes históricas, recebem juntamente com seus filhos Ieso e Ivano a folia de Jaraguá.

Isidoro é filho de Euridice Barbo Siqueira e Dioni Gomes Pereira da Silva. O Sr Dioni é descendente de várias gerações de pessoas ilustres que sempre trabalharam em prol da cidade de Jaraguá, levou a energia elétrica para a cidade de Jaraguá e também o primeiro cinema.

A família Gilson Carvalho e Neuza Castro, estes patriarcas da família Castro souberam bem cultivar as festas da cidade. As famílias Carvalho e Castro sempre estiveram presentes no convívio social de Jaraguá. Para dar continuidade a essa tradição é que recebem o Divino.

A senhora Ubaldina de Castro Alvares que recebe a folia é viúva de

Marcelino da Silva Alvares – “*Mané Fidico*”, jaraguense que muito valorizou as tradições culturais de Jaraguá. A família Alvares da Silva é uma tradicional família jaraguense, tendo como expressão na sua família o Pe. Silvestre Alvares da Silva.

A família Maria Madalena Rios, é jaraguense de várias gerações, foi educada na devoção ao Santo protetor e nas tradições de sua terra. É descendente de jaraguenses ilustres da política e da música.

Pertencente a duas ilustres famílias jaraguenses a Sra. Galiana também recebe a folia do Divino com grande devoção e alegria.

Analisando a comunidade jaraguense residente em Goiânia, podemos defini-la como um grupo ou pessoas com vários pontos em comuns, cujo ponto principal em comum é partilharem de um mesmo sentimento: a fé, a devoção no Espírito Santo, característica bastante peculiar dos habitantes de Jaraguá. Se identificam entre si também, pela história de vida, pelos laços de parentesco, mas principalmente pela educação religiosa católica traço marcante dessa comunidade.

A cidade de Jaraguá assim como outras cidades de Goiás e do Brasil, possui grupos familiares que por sua trajetória política, econômica e social faz parte da história dessas cidades.

A abordagem da trajetória desses grupos familiares em todos os seus aspectos nos permite entender a tradição. Neste caso a tradição familiar como forma de transmissão, manutenção da identidade cultural.

Segundo (Le Goff, 1996), a memória é um elemento que contribui na preservação da identidade cultural de um povo, pois através das informações obtidas e acumuladas ao longo do tempo podemos conhecer e/ou reconhecer a cultura de um povo.

Entendida e conceituada sob diversos aspectos, a memória tem se tornado essencial para a manutenção da identidade de um grupo, comunidade e até mesmo de indivíduo principalmente através dos relatos e documentos.

A memória pode ser dividida em dois tipos: a memória individual e a memória coletiva. A memória individual seriam as lembranças pessoais de cada indivíduo, que não precisa recorrer a lembrança dos outros para elaborar e ou confirmar sua lembrança muito embora pode apoiar-se sobre a memória coletiva. A memória coletiva envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal.

Na comunidade estudada verificamos que a memória coletiva é um elemento essencial; para a identidade tanto individual como coletiva do grupo, pois ela também exerce poder:

Memória coletiva não é somente uma conquista; é também um instrumento e objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de construir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e tradição, esta manifestação da memória. (Le Goff, 1996, p. 476)

A tradição está ligada à memória. A memória coletiva segundo Halbwachs (1999), é analisada nos quadros sociais. Nesse sentido releva a memória individual, pessoal e enfatiza a realidade interpessoal das instituições sociais. Assim, a memória vai depender do relacionamento do indivíduo com a

família, com a classe social, com a religião com os grupos sociais dentre outros. Assim a memória coletiva é segundo Halbwachs (apud, Giddens, 1997, p. 82) baseada nas práticas sociais e a tradição é a organização do passado em relação ao presente. O passado não é preservado, mas continuamente reconstruído, tendo como base o presente. Essa reconstrução é parcialmente individual, mas fundamentalmente, é social ou coletiva.

“ Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. (Bosi, 1994, p. 55)

Segundo ainda Bosi, (1994, p. 56) Halbwachs, “amarra a memória da pessoa à memória do grupo, e esta última à espera da maior da tradição, que é a memória coletiva de dada sociedade”.

Giddens (1997, p.82) afirma ser a tradição um meio organizado da memória coletiva.

Assim, tradição e memória são elementos importantes para a continuidade da identidade cultural dessa comunidade.

A palavra tradição vem do latim Traditio: o verbo é tradire, e significa precipuamente entregar, designa o ato de passar algo para outra pessoa, ou de passar de uma geração para outra. Tradire relaciona-se ainda com o conhecimento que vale um escrito, assim através da tradição algo é dito e o dito é entregue de geração a geração. (Bornheim, 1982, p. 48).

Para o autor supracitado, todos nós estamos inseridos numa tradição, a ponto de revelar-se muito difícil desembaraçar de suas peias. Assim, através do elemento lido ou escrito algo é entregue, passa de geração em geração, e isso

constitui a tradição.

A tradição em geral envolve um ritual, este é um meio prático de se garantir a preservação. O ritual é fundamental porque ajuda a conferir as crenças, práticas e aos objetos rituais sua autonomia temporal que pode faltar às tarefas rotineiras (Giddens, 1997, p. 82).

A tradição é ainda segundo Giddens (1997, p. 100), “um meio de identidade (...) pessoal e coletiva pressupõe significado; também pressupõe o processo constante de recapitulação e reinterpretação (...) a identidade é a viação da constância através do tempo, a verdadeira união do passado com o futuro antecipado. Em todas as sociedades, a manutenção da identidade pessoal, e sua conexão com identidades sociais mais amplas, é um requisito primordial de segurança ontológica”.

Segundo ainda Giddens(1997), a modernidade não destruiu e tradição, isto porque as instituições modernas dependem das tradições preexistentes e das novas para o seu desenvolvimento; grande parte da tradição permanece no âmbito local, pois o papel legitimador da ciência, em geral compreendido de uma maneira positivista, perpetuava idéias de verdade que, em qualquer proporção na cultura popular, mantinha fortes laços com a verdade familiar; a natureza compulsiva da modernidade não foi algo que permaneceu completamente oculto ou sem enfraquecimento; a compulsividade da modernidade foi, desde suas origens, dividida por gênero e a tradição foi reivindicada particularmente com respeito à geração ou regeneração da identidade pessoal e coletiva. A sustentação da identidade é apresentada como um problema fundamental devido à inteiração das instituições da modernidade, mas de maneira tensa e contraditória a este problema foi “ resolvido” pela invocação da autoridade”

(Giddens,, 1997, p. 116-117).

Notas finais

Neste capítulo analisamos a cidade de Goiânia, o símbolo da modernidade goiana e o novo território dos jaraguenses migrantes em Goiânia. Goiânia. Construída sob a ideologia da modernidade é o novo lar dos jaraguenses que buscam também se inserir nesse novo contexto, principalmente no paradigma do conhecimento isto ficou claro pelas entrevistas. Analisamos também os principais elementos no qual a comunidade jaraguense foi estruturando ao longo de sua história e assim delineando a sua identidade cultural.

Concluimos que o grupo escolhido para receber a Folia do Divino, é constituído de familiares que por sua história sócio-econômica e cultural podem dar continuidade a memória e tradição daquela comunidade.

CAPÍTULO III

A FOLIA

Notas iniciais

Neste capítulo buscou-se realizar uma interpretação do ritual da folia que acontece há dezoito anos em Goiânia. Ritual este rico em significados sociais e religiosos que tem contribuído para a manutenção da identidade cultural dos jaraguenses que residem em Goiânia.

3.1 A folia do Divino

As Falias do Divino são grupos precatórias que vestidos de forma peculiar, irreverente e cantando alegremente, pediam esmolas para o Divino. Os foliões, percorrem regiões rurais em busca de donativos tais como: dinheiro, alimentos e outros objetos que durante as novenas vão ser leiloadas (Casculo, 1979,p. 335).

A folia tornou-se um dos eventos de maior popularidade dentro dos festejos do Divino Espírito Santo.

Esses foliões são acompanhados de violões, sanfonas, pandeiros e caixas percorrem as fazendas da região. Na volta são recebidos pelo povo da cidade com festa e foguetes. Na casa do imperador cantam e entregam a bandeira e as esmolas para o imperador.

Os símbolos do Divino são: Coroa, cetro, salva, bandeira e verônica.

No ritual da folia “as manifestações religiosas expressas pelas rezas, cânticos e fé na bandeira estão imbrincados com a prática de danças e o consumo de bebidas alcóolicas (Silva, 2001, p. 35).

Existem várias versões sobre a origem das folias sendo que uma delas é de que foi iniciada pela própria igreja católica como forma de estender as cerimônias religiosas aos moradores da zona rural.

Em Jaraguá a folia do Divino foi modificada passando de caráter rural para urbano. Esta mudança foi realizada por Felicissimo do Espírito Santo no seu mandato de imperador, no ano de 1958. Conta-se que no início houve uma rejeição por parte dos jaraguenses dessa mudança mas com o passar dos anos ela se estruturou e passou a ser organizada em dois galhos representados pela coroa/cetro e pela bandeira e são organizadas por pessoas diretamente ligadas ao imperador, membro da irmandade do Divino (Fonseca, p, 192).

Pelas informações recebidas pelas entrevistas e pesquisa bibliográfica, na folia de Jaraguá não existe uma hierarquia dirigida em sua estrutura.

No decorrer dos anos, a folia do Divino em Jaraguá tornou-se uma das tradições mais fortes e tem se fortalecido como tradição cultural.

De caráter rural a folia em Jaraguá passou a ser urbana, mas ela não para por aí na cidade de Jaraguá, ela atravessou as fronteiras do município e chega à capital do Estado – Goiânia. Em 1986, a Sr^a Maria Augusta Barbo

Siqueira, na época presidente da Associação do Patrimônio Histórico e Cultural de Jaraguá, juntamente com o Sr. Paulo Gonçalves, morador de Jaraguá tomaram a iniciativa de estender a folia até Goiânia para visitar os Jaraguenses residentes nesta cidade.

A idéia me veio a cabeça de repente, eu tive a idéia e conversei com o Paulo Antônio que é também muito interessado na preservação da memória e a nossa cidade ele achou interessante e agora ela vem a Goiânia todo ano. Já são dezoito anos. Ele que fez a adaptação da música do Divino Espírito Santo e é o maestro da banda. Nosso objetivo é manter a devoção, a tradição e o conagraçamento dos jaraguenses. (M.A .B.S, entrevista, 2002)

3.2 O rito

Na festa segundo Brandão, estão presentes os modos mais simbolicamente profundos através dos quais as pessoas procuram estabelecer formas rituais de comunicação entre si e com os seus santos (Brandão, 1985, p. 10).

As festas religiosas, sejam elas entendidas como práticas sociais e/ou rituais religiosos possuem conteúdos simbólicos significativos. Para Geertz, a religião é um sistema simbólico e assim ele define a religião:

É um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral vestindo essas concepções com tal aura de fatalidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas. (Geertz, 1989, p. 1091)

Como sistema simbólico, a religião para Geertz constitui também um programa. Ao adotar esse programa como conduta espiritual o indivíduo é capaz de perceber e compreender o mundo, o outro e a si mesmo, pois os “símbolos religiosos oferecem uma garantia cósmica não apenas para sua capacidade de compreender o mundo, mas também para que, compreendendo-o dêem precisão a seu sentimento, uma definição às suas emoções que lhes permita suportá-lo soturno e alegremente, implacável ou cavalheirescamente”(Geertz, 1989, p. 104).

Na visão de Geertz sobre a religião, através dos símbolos sagrados e de seus significados podemos compreender toda a dinâmica cultural de uma sociedade, pois segundo ele, os “símbolos sagrados sintetizam o ethos de um povo, o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticas e sua visão de mundo, o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas idéias mais abrangente sobre ordem” (Geertz, 1989, p. 103).

Os fenômenos religiosos, segundo Durkheim, podem ser classificados em duas categorias fundamentais sendo uma delas os ritos que são modos de ação determinada. Continuado, Durkheim afirma que as práticas religiosas, como rituais, “ditam regras de conduta que prescrevem como o homem deve comportar-se com as coisas sagradas” (Durkheim, 1996, p. 24).

Para Durkheim, é por meio dos ritos que o grupo reanima periodicamente o sentimento que tem de si mesmo e de suas unidades, ao mesmo tempo, os indivíduos são revigorados em sua natureza de seres sociais (Durkheim, 1996, p. 409). Este conceito é reafirmado pelas do entrevistado:

Eu gostaria de oferecer o almoço no próximo ano (2003) se eu estiver melhor de saúde vou pedir para Maria Augusta. Nesse período agente tem mais tempo para estar com as pessoas, recebe-las de uma forma mais adequada (I. G.P.S, entrevista, 2002).

Nestas palavras o depoente através do seu desejo vem reafirmar que os rituais como categoria do fenômeno religioso possuem significados sociais. Transmitem e reproduzem valores culturais. E através da ação de um rito que o indivíduo ou grupo re-elabora suas experiências sociais e culturais.

Segundo Buckland (1983), o rito:

é uma questão de símbolos, e o simbolismo pode ser denominado de comunicação. Dessa forma os ritos podem ser entendidos aqui, como algo que comunicam sentido através dos símbolos. O símbolo não é relevante como traço característico do rito mas pode ser o de signo da repetição do passado no qual e pelo qual a comunidade ou uma minoria forte dentro da comunidade consegue administrar a sua própria identidade bem como articular ou negociar possíveis transições". (Buckland, 1983, p. 74)

O fato de os ritos possibilitarem a repetição do passado faculta à comunidade a manutenção da identidade, o que importa na administração da "memória cultural".

A memória cultural e a identidade são administradas na interioridade e nas expressões dos ritos com certa profundidade e intensidade numa certa unidade e coerência (Buckland, 1983, p. 82). Isto pode ser observado no depoimento abaixo:

Está vendo esta toalha aqui? (mostra para a pesquisadora uma toalha de renda muito alva e antiga) pertenceu a minha avó, ela usava no altar quando a folia visitava a sua fazenda. Eu a uso todas

as vezes que a folia me visita no altar da minha casa. (G.R.P, entrevista, 2002)

Na concepção de Rivière, (1997, p. 260) o rito é a respiração da sociedade. Mesmo se as pessoas que não se articula só por causa do prazer de estar juntos, mas com outros objetivos que podem ser econômicos, políticos e outros, o rito é indispensável periodicamente, isto para renovar ou refazer a identidade a personalidade.

Assim ele define o rito:

os ritos devem ser sempre considerados como conjunto de condutas individuais ou coletivas, relativamente codificadas, com um suporte corporal (verbal, gestual, ou de postura), com caráter mais ou menos repetitivo e forte carga simbólica para seus atores, e habitualmente, para suas testemunhas baseadas em uma adesão mental, eventualmente não conscientizada, a valores relativos a escolhas sociais julgadas importantes e cuja eficácia esperada não depende de uma lógica puramente empírica que se esgotaria na instrumentalidade técnica do elo causa efeito. (Rivière, 1997, p. 30)

Nesta sua definição Rivière não prejudica os valores das crenças, pois assim como não é tarefa fácil especificar as fronteiras entre o sagrado e o profano principalmente numa festa religiosa como bem observou Durkheim, também não é fácil especificar se tal rito é religioso ou secular (Rivière, 1997, p. 34).

Entretanto, seguindo a lógica de Eliade (1992) e Cazeneuve (1971) o rito está inserido dentro de uma perspectiva religiosa e mágica.

Os ritos que podem ser cotidianos, políticos e religiosos são ações, uso e hábitos com acentuada carga simbólica e representações sociais que nos permitem desvelar determinada realidade social.

As festas religiosas assim como qualquer outro ato religioso que teve origem no passado tem sua continuidade e tradição graças ao rito, pois existe uma estreita ligação entre religião, ao garantir a continuidade e imortalidade de uma crença, que é um ato de fé. Isto pode ser observado pelos depoimentos dos entrevistados; que sempre repetiam que enquanto tiver força e saúde vão continuar recebendo o Divino.

O rito é a prática de uma crença, a crença vem sempre acompanhada de um mito.

O mito tem muitas significações. Segundo Eliade é importante encontrar uma única definição para o mito. “O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementos”. (Eliade, 1972, p. 11).

Considerado como uma força cultural, o mito é a “manipulação da realidade primitiva que ainda persiste na vida atual é justificado por antecedentes, proporciona um padrão retrospectivo de valor moral, de ordem sociológica e de crença mágica” (Malinovisk, 1988, p. 132).

Segundo ainda Malinowiski (1988) há uma íntima relação entre o mito e o ritual, entre tradição sagrada e as normas da estrutura social.

O “mito entra em ação quando o rito, a cerimônia ou a norma social ou moral exigem justificação, certificado de antigüidade, realidade e santidade” (Malinovisk, 1988, p. 109).

A festa é uma viagem: vai-se a ela e ali transita-se entre seus lugares. Por isso, o desfile, o cortejo, procissão, a folia e tudo mais que possibilite fazer deslocar, entre as pessoas e pelos lugares que a própria festa simbolicamente reescreve e redefine; sujeitos, cerimônias e símbolos (Brandão, 1989, p. 13).

A folia que será discutida aconteceu no dia 20 de abril de 2002, na cidade de Goiânia. Esta festa, isto é, a visita dos foliões jaraguenses à cidade de Goiânia, apresentando o Divino e pedindo esmolas. Se realiza há dezoito (18) anos, e todos os anos mais ou menos uns 20 ou 30 dias antes da festa tradicional que acontece na cidade de Jaraguá, no primeiro Domingo do mês de junho.

Esta festa já faz parte do calendário das festividades da cidade de Jaraguá.

Esta idéia nasceu da Associação dos Defensores do Patrimônio Histórico e Cultural de Jaraguá, mais precisamente da prof. Maria Augusta que vem trabalhando no sentido de manter a identidade cultural do seu povo não só na cidade de Jaraguá mas também na cidade de Goiânia, cidade esta que tem recebido grande parte das pessoas que deixam a cidade de Jaraguá.

Muitas pessoas que migraram para Goiânia, por diversos motivos tais como idade, trabalho e imprevistos não podem ir à tradicional festa como é o caso de D^a Iracema que com seus 90 anos de idade nem sempre pode se deslocar até a cidade de Jaraguá. Todos os anos ela recebe a folia em sua casa.

Goiânia é uma cidade que foi projetada dentro de um plano urbanístico moderno, teve o seu desenvolvimento acelerado a partir dos anos 50, com a construção de Brasília. Projetada para ter cinqüenta mil habitantes no ano 2000, a cidade tem hoje mais de um milhão de habitantes e problemas sócio-econômicos comuns dos grandes centros urbanos do país, como Rio de Janeiro e São Paulo.

Entretanto, Goiânia, possui também toda a infra-estrutura existente nestes grandes centros.

Os jaraguenses que para cá emigraram vivem um cotidiano bem diferente da sua terra natal, e por força da nova situação em que estão vivenciando agora, a tendência é se adaptar a esse novo ritmo de vida, correndo o risco de deixar para trás suas crenças, seus costumes de cidadãos da cidade do interior, passando a ter comportamentos típicos de cidadãos urbanos.

O processo histórico de desenvolvimento das sociedades humanas em que ocorreram mudanças sociais uma das causas dessas mudanças é o rápido crescimento das cidades. Goiânia foi uma das cidades que apresentou um índice de crescimento bastante elevado a partir de 1950.

Vinte famílias jaraguenses residentes em Goiânia são visitadas pelos foliões. Esses foliões são liderados pelo Imperador* do Divino que traz consigo a bandeira e a coroa do Divino; seguido do festeiro da festa de São Benedito e rainha do Rosário com suas respectivas bandeiras.

Mais ou menos 80 foliões participam desta festa, todos da cidade de Jaraguá. Estes vêm de ônibus cedido pela prefeitura de Jaraguá de Kombi também cedida pela prefeitura e em carros particulares. Aqui em Goiânia esse contingente de pessoas varia, pois existem casas em que participam até 120 pessoas entre os foliões vindo de Jaraguá, jaraguenses residentes em Goiânia e seus convidados. Na casa de dona Antônia por exemplo reúnem-se todo ano cerca de 120 pessoas entre seus familiares, vizinhos, colegas de trabalho e amigos dela vindos de cidades do interior do Estado de Goiás. Entretanto, os seus convidados vêm até de outros países conforme seu depoimento. “ate gente do exterior já veio na minha casa para ver a folia” (A .G.P, entrevista realizada em julho de 2002).

São visitados durante todo o dia, começando as 6:30h da manhã (alvorada) até as 20:30h (recolhida) vinte famílias, que se reúnem com parentes e conterrâneos e vizinhos para receber os foliões. Dentre estas famílias podemos encontrar de três e até quatro gerações (pai, mãe, filhos, netos e bisnetos) e enorme contingente de pessoas jovens.

Os foliões se vestem a caráter, isto é: os foliões do Divino vestem calças jeans, camisa branca e lenço vermelho no pescoço, assim como os foliões de São Benedito e de Nossa Senhora do Rosário, que só mudam a cor do lenço do pescoço sendo que os foliões de Nossa Senhora do Rosário usam lenços na cor azul e São Benedito na cor rosa. Assim também se vestem as crianças e jovens.

Entretanto, os integrantes da banda musical “Santa Cecília”, vestem calça jeans e camisetas amarelas. As pessoas que recebem os foliões se vestem “para festa” estas estão sempre muito bem vestidas.

A poucos metros da casa a ser visitada, os foliões de Jaraguá se reúnem em fila, na frente estão os festeiros e assim, em procissão, cantando os hinos da folia acompanhados pela secular banda “Santa Cecília”, chegam a porta da residência do visitado onde este já se encontra esperando (fotos 2 e 3).

Foto 2 - Os foliões se organizam, na frente vão os festeiros do Divino Espírito Santo



Fonte: *Arquivo do ADPHC – 2001.*

Foto 3 - O festeiro do Divino Espírito Santo entrega a coroa do Divino a dona da casa visitada



Fonte: *Arquivo da ADPHCJ – 2001*

O festeiro entrega a coroa do Divino, a de São Benedito e a de Nossa Senhora do Rosário para os donos da casa, e segue a procissão até o altar montado pelo visitado em geral na sala visitas (foto 4).

Foto 4 - Altar montado no Instituto Maria Betânia, ao lado a Dona Maria Augusta, mentora deste projeto e dona da Escola



Fonte: Arquivo da ADPHCJ - 2002.

Esse altar é montado a critério e gosto do visitado, mas no geral são todos simples e sempre ornamentados com cores vivas, cor vermelha está em todos os altares, ela é a “cor do Divino”. Os cantos continuam, as pessoas ficam de pé mais ou menos 10 minutos cantando todos com feições de grande devoção e emoção. O ritual consiste em cantar os hinos em louvor ao Divino e aos demais Santos. O primeiro hino a ser cantado é em louvor ao Divino Espírito Santo. (hino

1) em seguida canta-se o hino em louvor a Nossa Senhora do Rosário (hino 2) e por último o hino em louvor a São Benedito (hino 3). Ao terminar estes três hinos, canta-se a última estrofe do hino 4 despedindo e abençoando a família visitada.

Hino 1

Chegando em sua casa/ O Divino Espírito Santo/ veio pedir a sua esmola/ Deus lhe dará outro tanto.

O Divino Espírito Santo/ Na sua casa chegou/ Veio pedir a sua esmola/ Pra este nobre morador.

O Divino Espírito Santo/ Aqui veio visitar/Pro seu dia festejar.

Este Santo pede esmola/ Não pede por precisão/Pede para experimentar? A nobreza do coração.

Oh! Meu nobre cavalheiro/ Generoso e singular/ Venha a sua esmola/ Pra este Santo ajudar.

Oh! Minha rica senhora/Boa digna mulher/Dê ouro dê prata/ Dê aquilo que quiser.

Deus lhe pague a sua esmola/Deus dê vida e saúde / a esmola é caridade/Caridade é virtude.

Deus lhe pague a sua esmola/ Deus lhe dá outro tanto/ A esmola é quem nos leva/ Ao Divino Espírito Santo.

Agora ao se despedir/ Receba a família inteira/ As luzes são da coroa/ E as bênçãos da bandeira.

Hino 2

HINO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

Oh! Virgem do Rosário

Puro Sacrário do Redentor

Aceita as lindas rosas

Tão olorosas do nosso Amor

Hino 3

HINO A SÃO BENEDITO

Deus atende as rogativas

Que lhe traz qualquer aflito

Se elas são apresentadas

Por seu servo Benedito.

Serena-se a tempestade

Melhora qualquer aflito

Recupera-se a saúde

Arrogo de Benedito

No final dos cânticos, o Sr. Ronaldo que acompanha a folia desde o seu início e é um dos organizadores saúda o Divino gritando: (“viva o Divino Espírito Santo”, “viva São Benedito”, “viva Nossa Senhora do Rosário”, “viva a família de.... e diz o nome da família que está sendo visitada no momento). As pessoas respondem a essa saudação respondendo com um “viva”. A chegada dos foliões é saudada pelos visitados que soltam foguetes enfeitam a porta de sua casa com faixas e outros ornamentos (Foto 5).

Ainda faz parte do ritual após os cantos e saudações o dono da casa (visitado) colocar a coroa do Divino em sua cabeça e dos seus parentes e convidados agradecendo e pedindo bênçãos, graças e proteção para cada um.

Foto 5 - Faixas colocadas no muro da residência saudando os foliões do Divino



Fonte: Arquivo ADPHCJ, 2001.

Após esse ritual os foliões começam a se movimentar pela casa, cumprimentando os donos da casa, conversando entre si e com pessoas que moram em Goiânia que a tempos não se vêem. Em todas as residências é servido um lado lanche para os foliões e participantes da festa. O cardápio varia de família para família (Fotos 6 e 7). Embora a comissão organizadora peça para que não seja oferecido lanche em todas as residências para não atrasar muito as visitas, todas as famílias fazem questão e se sentem na obrigação de oferecer comida aos foliões.

Foto 6 - Mesa posta para os foliões



Fonte: Associação dos Defensores ao Patrimônio Histórico de Jaraguá – 2002.

Foto 7 – Mesa posta para os foliões



Fonte: Associação dos Defensores do Patrimônio Histórico de Jaraguá – 2002.

Em geral, são lanches rápidos, pois a segunda casa a ser visitada após a alvorada é incumbida de servir o café da manhã e no horário do almoço a família que foi escalada para receber neste horário oferece o almoço para os foliões. O mesmo acontece na recolhida, a família que é escalada para a recolhida oferece o jantar para os foliões. A bebida alcoólica é servida na hora do jantar. A família visitada arca com toda as despesas da comida e ainda doam uma quantia em dinheiro que às vezes chega a ser um salário mínimo para a festa tradicional de Jaraguá.

Por volta de 22:30h termina a visita, os foliões recolhem a coroa a bandeira do Divino e demais santos e cantando o hino da recolhida (hino 4) vão para o ônibus,. Kombi e demais conduções e voltam para Jaraguá com a “sensação do dever cumprido”.

Hino 4

*Na entrega da Coroa/ E ainda da bandeira/ Chegando ao ponto/Da hora derradeira.
O divino Espírito Santo/ é o nosso consolador/ ele vem fazer entrada/ Das esmolas que tirou.
Abençoa todos os músicos/ E a linda cantoria/ Que foram a grande alma/ Que nossa Bela Folia.
Abençoa todos aqueles/ Que nos ajudaram tanto/ Com trabalhos e com esmola/ Pro Divino Espírito Santo.
Que as bênçãos também caiam/ Sobre o nosso folião/ E em todos que formaram/ Nossa grande legião.
Ao folião nós dizemos/ Sua missão está cumprida/ O Divino Espírito Santo/ Lhe dará saúde e vida.
A coroa já está entregue/ já está entregue a bandeira/ E o Divino dá as bênçãos/ A Jaraguá toda inteira.*

Ajoelhados filhos de Deus/ E rezemos contritamente / Pra que o Espírito Santo/ nos salve eternamente.

De pé depois cantemos/ Na lapinha de Belém/ Louvemos sempre a Deus/ Por todos os séculos. Amém

Ao final de cada visita, a Associação dos Defensores do Patrimônio Histórico de Jaraguá, os foliões do Divino de Jaraguá e a comunidade de jaraguense residente em Goiânia escreve mais um capítulo de sua história, de suas raízes e de sua cultura. Foi possível verificar através da entrevista que 100% dos entrevistados ao receber a folia do Divino traz à sua mente a sua infância seus pais e antepassados “recordo meu tempo de criança lá em Jaraguá” (U.F.C, entrevista 2002), “meus avós, minha infância lá na fazenda, meus avos recebiam a folia lá na fazenda a casa deles era “pouso”. (M.L.C, entrevista, 2002), “ minha infância” (G.B.S, entrevista , 2002).

Assim, o rito, no caso em questão o ritual da folia do Divino revive a memória dos indivíduos e da coletividade. Ele tem uma função segundo Durkheim: só serve para manter a vitalidade dessas crenças, para impedir que elas se apaguem das memórias ou seja, em suma, para revificar os elementos mais essenciais da consciência coletiva. Através dele, o grupo reanima periodicamente o sentido que tem de si mesmo e de sua unidade (Durkheim, 1989, p. 409).

As festas religiosas e em especial a festa do Divino muito tradicional na região Centro-Oeste, região em que se localiza a cidade de Jaraguá cuja população é por tradição católica, com seus rituais, rezas e louvores permite aos indivíduos se relacionarem entre si, praticar sua fé e sobretudo manter sua identidade cultural, pois segundo Castells a identidade de um povo pode ser construída a partir de normas e leis oriundas de Deus. “A construção de

identidade vale-se da matéria fornecida e revelações de cunho religioso” (Castells, 2000, p. 98).

Estas permitem também aos indivíduos preservarem a sua memória que é elemento de primordial importância à manutenção da identidade cultural de um povo, pois através das informações obtidas e acumuladas ao longo do tempo podemos conhecer e ou reconhecer a cultura de um povo.

3.3 A folia mantendo a família e a comunidade

Os foliões são indivíduos na faixa etária entre 17 a 70 anos (tabela 1), de ambos os sexos prevalecendo as pessoas do sexo feminino. As profissões são as mais variadas: tais como artesão; comerciante, funcionário público, motorista, estudante universitário, professor, pequenos empresários, médicos, aposentados, balconista, auxiliar de contabilidade; lavradores, secretária, tradutor interprete e do lar. O grau de escolaridade predomina o ensino fundamental (antigo ginásio) mas encontramos também indivíduos que cursavam ou estão cursando o II grau. Foliões com grau de escolaridade de nível superior encontramos apenas dois. Muitas destas pessoas já estão aposentadas principalmente as senhoras. A religião predominante é a católica. Todos os foliões são cidadãos jaraguenses, moram em Jaraguá desde que nasceram. Dentre todos os entrevistados apenas um folião não é natural de Jaraguá. Veio de Minas Gerais há 40 anos atrás, mas já se considera cidadão jaraguense, pois seus filhos nasceram em Jaraguá e um deles já foi festeiro de São Benedito. Com muita satisfação ele comentou: meu filho foi o festeiro de São Benedito do ano passado ano de 2001 (G.J.G, 2001).

Todas as pessoas têm uma função no grupo sendo a mais comum a função de “cantar.” São funções dentro do grupo: cantar, organizadores dos foliões, puxador do hino, organizador da folia, motorista das “senhoras”, motorista do ônibus, membro da comissão organizadora, maestro, festeiro e músicos da banda.

Muitos foliões têm uma função específica no grupo, como a de Paulo Vitor que segundo ele: “Eu sou da comissão organizadora da folia de Jaraguá que vem à Aqui. (Aqui ele se refere a cidade de Goiânia) Eu organizo os foliões em fila, a hora que devemos entrar nas casas” (P.V.A, entrevista, 2002).

E a do Sr, Messias

A minha função na folia é de motorista. Eu dirijo a Kombi das senhoras mais velhas” (M.J, entrevista, 2002).

Uma kombi da prefeitura é escalada especialmente para conduzir as senhoras com idade mais avançada de Jaraguá para Goiânia. Em Goiânia essa kombi as transporta de uma casa para outra.

Às vezes esta função muda como no caso da foliã Terezinha:

Em venho sempre na folia, e minha função era de cantora. Desta vez vim representar a esposa do festeiro, ela é minha irmã, ela esta doente e por isso não pode vir (M.T.A, entrevista, 2002).

A média de visita dos foliões é também muito variada. Enquanto que há pessoas que participam da folia há dezoito anos desde a primeira vez que ela veio a Goiânia, outros era a primeira vez.

“Dezoito vezes que eu participo dessa folia eu sou uma das fundadoras juntamente com o meu marido”. (E.A, entrevistada, 2002)

“Desde 1986 que eu participo nunca faltei uma, já morei na Alemanha, mas quando é época da folia estou aqui”. (S.M.M, entrevistada, 2002)

É a minha primeira vez que eu venho nesta folia, eu sempre participo da festa do Divino em Jaraguá, mas aqui é a primeira vez, foi minha chefe que me convidou, o marido dela é o festeiro. (P.A .R.M, entrevistada 2002)

Tabela 1 - Faixa etária dos foliões

Anos	10-20	20-30	30-40	40-50	50-60	Acima de 60
Proporção	18%	14%	5%	14%	3%	18%

Fonte: Pesquisa de campo da autora

Todos os foliões que vem a esta visita sempre estão acompanhados de alguns membros da família.

Nesta questão que tínhamos como objetivo levantar o suporte que a religião dá a família e a comunidade foi perguntado aos foliões: O Sr. (a) está só ou vai com pessoas da família?

Os foliões nesta questão foram quase unânimes em responder que sim que “vieram com pessoas da família”. As respostas mais comuns era que estavam com “esposa e filhos”, marido e filhos “filhos e nora”, tios, irmãos e sobrinhos. Com namorada e namorado, apenas 5 pessoas responderam: estou sozinho, ou com os amigos. Estes foliões pertencem à banda de música.

Eu venho sempre com minha família, meu marido, meus filhos, meu neto e meu genro (G.G.S, entrevista, 2002).

Eu estou com meu filho, a minha cunhada o meu irmão e minha sobrinha, (M.C.G.S, entrevista, 2002).

Eu vim com a minha filha e com as minhas amigas na kombi, (G.A .R, entrevista, 2002).

É tradição da comunidade jaraguense o convívio familiar que persiste até os dias de hoje.

Os migrantes de Jaraguá em Goiânia como já vimos anteriormente, são indivíduos na faixa etária entre 55 a 72 anos e elevado nível sócio-econômico e cultural como: advogados, economistas, professores, promotores, juizes dentre outros. Nasceram em Jaraguá mas residem em Goiânia há mais de 45 anos.

Em média já receberam a visita oito vezes. Embora muitos a recebem desde a primeira vez que ela veio a Goiânia. Como é o caso de dona. Nica e dona Ivete .

Embora não tenhamos feito uma pergunta relativa ao recebimento sozinho ou com pessoas da família da visita do Divino, percebemos a integração da família neste evento. Pois em todas as casas que a folia visitava era recebida pelos donos da casa e seus familiares, que como já citamos nesta dissertação, tem a participação de até quatro gerações na visita (pais, filhos, netos e bisnetos), além de parentes próximos, como sobrinhos, noras, genros e também namorados.

Shils (apud, Giddens, 1997, p. 80) afirma que “as tradições estão sempre mudando; mas há algo em relação à noção de tradição que pressupõe persistência; se é tradicional, uma crença ou prática tem sua integridade e continuidade que resiste ao contratempo da mudança.

A comunidade jaraguense residente em Goiânia sentiu diferenças nas suas vidas e no cotidiano ao se mudar para Goiânia, na época o símbolo das mudanças. Entretanto, isto não influenciou nas suas crenças e seus costumes, tanto que algumas delas pediram para receber à folia na sua casa:

Eu que pedi a Dona Maria Augusta para receber a visita. Quis receber os foliões na minha casa porque considero Jaraguá a minha

terra natal, eu fui morar lá eu tinha 9 anos de idade. Quis receber porque é tradição de Jaraguá. (M.G.C, entrevista, 2002)

A visita me foi oferecida, mas eu fiquei muito feliz. Sou devota demais do Divino, gosto muito de receber o Divino em minha casa. Me sinto homenageada, fico vaidosa de oferecer minha casa. (E. A, entrevista, 2002)

Eu pedi para receber o Divino, por que depois que minha mãe faleceu, eu quis dar continuidade a tradição. Ela que recebia todo ano a visita, e eu quero continuar esta tradição. Minha mãe e meu pai eram muito católicos e devotos do Divino. (E.A, entrevista, 2002)

Tem dezoito anos que eu recebo a folia. Quando a folia veio da primeira vez a Dona Maria Augusta me consultou se podia receber. Eu aceitei porque sou muito devota do Divino Espírito Santo. (I.M.M, entrevista, 2002).

A devoção ao Divino ao ser estudada foi encontrada nas duas localidades analisadas.

Alguns são devotos por tradição:

Eu sou devota do Divino desde que nasci, segui os passos da minha mãe que também era muito devota. (S.M.M, entrevista, 2002)

Eu sou devota porque cresci na religião católica, vem de família, a minha mãe era muito devota (J.L, entrevista, 2002).

Eu comecei a ser devota por tradição de família, desde criança tenho paixão pelo Divino (G.M.D, entrevista, 2002).

Quanto às formas de louvor ao Divino, pelos foliões, pode-se perceber que é muito diversificada:

Para louvar o Divino além de novenas, a missa, arremato leilões. (M.C.S.L, entrevista, 2002).

Eu vou à missa, às festas do Divino de Trindade e tiro folia em Jaraguá. (A .M.D, entrevista, 2002)

Eu louvo o Divino assistindo às missas todos os domingos, as novenas das festas. (C.J.G, entrevista, 2002)

Várias pessoas afirmam já ter obtido muitas graças a Divino:

Eu já recebi muitas graças, mais eu recebi uma muito grande que foi a cura de uma doença grave na família. (L.J,M, entrevista, 2002)

Eu e minha família já recebemos muitas graças, minha sobrinha teve uma doença grave e foi curada pelo Divino. (J.C.A, entrevista, 2002)

Tudo que tenho é graças ao Divino. Sempre que precisei recorri ao Divino ele me atendeu me concedendo muitas graças. (L.M.J.A, entrevista, 2002)

A devoção do migrante de Jaraguá em Goiânia nasceu do mesmo modo que nasceu a devoção do folião jaraguense.

“cultuar o Divino esta há três gerações na minha família que sempre foi muito católica”. (A .F.S, entrevista, 2002)

Eu sou muito católica, fui criada em Jaraguá, onde todo ano tem festa do Divino, isto foi me raizando. (entrevista, 2002)

Sou devoto do Divino por herança de minha mãe, muito devota do Divino Espírito Santo. (L.P. R, entrevista, 2002)

O migrante de Jaraguá em Goiânia costuma louvar o Divino com os mesmos rituais que os foliões de Jaraguá.

Eu louvo o Divino rezando todos dias, faço orações, vou à missa, a festa do Divino de Trindade. (U.F.C, entrevista, 2002)

“Homenageio o Divino freqüentando às missas, as novenas, e faço orações diárias. (A .P.R, entrevista, 2002)

“Vou às festas de Trindade, à missa, às novenas. (E.A, entrevista, 2002)

As graças que os devotos migrantes de Jaraguá recebem do Divino em geral são os mesmos que os foliões.

“O Divino sempre me ilumina e dirigiu minha vida. Eu tive dez filhos todos com muita saúde e eu também tenho boa saúde. (M.A.S, entrevista, 2002)

Eu tive duas graças que foi a cura de dois parentes com câncer. (I.G.P.D.S, entrevista, 2002)

Tudo que eu peço sou atendida imediatamente. Eu peço uma graça de manhã a tarde já sou atendida. Peço sempre saúde para mim e minha família. (H.L. L, entrevista, 2002)

Dentre as principais festas comemoradas pela comunidade jaraguense a que faz com que eles se sintam mais jaraguenses é a festa do Divino.

“A festa do Divino é a que me faz sentir mais jaraguense. Porque? Eu acho que é porque é a que tem mais gente conhecida”. (J.A . S, entrevista, 2002)

Eu acho que é a do Divino. Porque é mais tradicional, reúne mais pessoas de Jaraguá, é a mais falada”. (C.Z.M, entrevista, 2002)

Na minha opinião a festa que eu sinto mais sendo de Jaraguá é a do Divino, porque é a mais movimentada, tem mais frente, os antigos moradores vão (G.M.A, entrevista, 2002)

O que a festa te faz recordar foi uma das perguntas direcionadas aos foliões.

“A folia do Divino me faz recordar muita coisa boa que eu já vivi que me dá até vontade de chorar”. (J.L, entrevista, 2002)

“Recordo da minha infância e minha juventude aqui em Jaraguá. Recordo também da minha mãe e minha tia que já faleceu eram muito devotas do Divino”. (M.J.M, entrevista, 2002)

Recordo dos meus familiares, minha avó, meu avô e meus dias de infância acompanhando a banda Santa Cecília. (E.C. entrevista, 2002)

O que significa a festa do Divino para povo migrante:

“É uma festa que vem desde os tempos dos escravos. É uma tradição muito antiga. ela representa a tradição a volta as nossas raízes”. (J.F.S.P, entrevista, 2002)

“Significa tradição porque ela visa principalmente manter a tradição religiosa do povo jaraguense. Mas por outro lado ela visa também manter a tradição cultural dessa sociedade”. (E. entrevista, 2002)

Significa a tradição do povo, eles são abençoados por terem esta festa.(N.F.S., ENTREVISTA 2002).

A tradição do povo, folclore todos os jaraguenses foram criados com esse folclore (U. C, entrevista, 2002)

As recordações que a festa trás para eles:

“Ela me faz recordar muita coisa principalmente os nossos pais que eram muito devotos do Divino e já foram festeiros”. (L.H.C, entrevista, 2002)

“Ela me leva de volta a minha infância, recordo dos meus pais. Meu pai segurava a minha mão toda vez que o Divino chegava na nossa casa”. (E.A, entrevista, 2002)

Me faz recordar muita coisa, minha infância. Minha juventude em Jaraguá, eu costumava freqüentar todas as festas do Divino. Mas me faz principalmente a minha mãe e minha irmã que já faleceram. (A .M.F.S, entrevista, 2002).

Em síntese o que se pode observar é que os atuais habitantes de Jaraguá e migrantes jaraguenses recriam e renovam sua identidade através da visita do Divino, da devoção e da festa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões divinas, religiosas não foram abolidas totalmente do cotidiano da comunidade de Jaraguá residente em Goiânia.

O processo de secularização parece não ter tido o mesmo significado e influência nas questões religiosas para os cidadãos jaraguenses, uma vez que ainda parece acreditar nas definições religiosas tradicionais como respostas as explicações religiosas do mundo. A realização da Folia do Divino é um exemplo disso.

Conceituando o fenômeno da secularização como perda da autoridade religiosa com a ruptura do monopólio religioso para com o mercado, transpondo para a realidade do nosso objeto de pesquisa, ao longo de três séculos de existência da sociedade jaraguense a igreja católica, que representa a religião da maioria continua com o seu poder. Com o pluralismo religioso ela ficou um pouco mais enfraquecida, mas ainda participa ativamente da vida da comunidade jaraguense como suporte de suas vidas social e religiosa.

Na sua religiosidade dos jaraguense não houve mudança tanto na forma de vivenciá-la como praticá-la sendo que os cidadãos jaraguenses residentes em Goiânia optaram pelo revivamento dos valores e da tradição católica recebendo anualmente em sua residência os foliões do Divino, como forma de praticar sua fé, manter a sua identidade cultural e perpetuar suas tradições.

As festas de santo são formas de expressão cultural, social e religiosa da comunidade de Jaraguá, ela é o espaço onde os indivíduos dessa comunidade manifestam sua fé, preservam sua cultura e sua identidade . Entretanto, a festa por si só não perpétua a identidade social do grupo, esta passa sobremaneira pela memória coletiva, a memória nos remete às experiências do passado e estas só existem que aliadas a tradição, constituem os elementos fundamentais para a continuidade cultural dessa comunidade.

Entendemos que a religião e a cultura traduzidas pelas representações coletivas simbolizadas nas festas no caso em questão a Folia do Divino, tem sido as responsáveis pela manutenção da identidade cultural e preservação da memória e tradição da comunidade de Jaraguá em Goiânia.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Nelly Alves de. **Jaraguá história e memória**. Jaraguá: PM, 1982.
- AMADO, Lúcia. **São Francisco e os pretos: continuidade e mudança em uma comunidade rural do Rio manso – MT**. Goiânia, 2001.(Tese de Mestrado)
- ARCOVERDE, ANA Cristina B. **O Coletivo Ilusório: uma reflexão sobre o conceito de comunidades**. São Paulo: Proed, 1985
- ARTIAGA, Zoroastro. **Geografia econômica, história e descritiva do Estado de Goiás**. Goiânia: Tipografia Triângulo, 1951.
- ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- ATAÍDES, Selma Fernandes Capel de. **Flores de Goiás: Tradição e transformação**. Goiânia: UFG,1990. (Dissertação de Mestrado).
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- _____. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BERGER, Peter. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BERTRAN, Paulo. **Formação econômica de Goiás**. Goiânia: Oriente, 1978.
- _____. **Uma introdução à história econômica do Centro oeste do Brasil**. Brasília: Ministério da Cultura, 1987.

_____. **História da terra e do homem no planalto central-eco-história do Distrito Federal: do indígena ao colonizador.** Brasília: Fundação Pró-memória, 1985.

BORNHEIM, Gerd. **Tradição e contradição.** Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças dos velhos.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e étnia.** São Paulo: Papyrus, 1976.

_____. **A cultura na rua.** São Paulo: Papyrus, 1989.

_____. **O Divino, o santo e a Senhora.** Rio de Janeiro: Papyrus, 1978.

_____. **Os caipiras de São Paulo.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **O que é folclore.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **Peões, pretos e congos: trabalho e identidade étnica em Goiás.** Goiânia: Oriente, 1978.

CAIM, M. Matos. **A sociedade colonial goiana.** Goiânia: Oriente, 1973.

CAMPOS, Francisco Itami. **Coronelismo em Goiás.** Goiânia: UFG, Cegraf, 1983.

CANESIN, Maria Tereza. **A folia de reis de Jaraguá.** Goiânia: UFG, CECUP, 1983.

CAROZZI, Maria Júlia (org). **A nova era no mercosul.** Petrópolis: Vozes, 1999.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** São Paulo: Paz e Terra, 2000, vol. VIII.

CASTRO, José Soares de. **A sociedade colonial de jaraguense.** Goiânia: 1998.(Monografia, UCG-HGS).

CEZAR, Waldo. O que é catolicismo popular. In: **Revista Eclesiástica Brasileira.** Petrópolis: Vozes, v.36, 1976. P.15-55.

CHAUL, Nars nagib Fayd. **Caminhos de Goiás da construção da decadência aos limites da modernidade**. Goiânia: UFG, CEGRAF, 1997.

CUNHA, Mattos, R. José da. **Chorographia história da providência de Goyas**. Goiânia: Sudeco/Governo do Estado de Goiás, 1979.

DUARTE, Lyz Elizabeth Amorim de Melo. **O Poder e a Estrutura Agrária nos Municípios de Ceres e Jaraguá – uma análise comparativa**, São Paulo: 1999, (Tese de Mestrado).

DEUS, Maria Socorro de . **História das Festas Religiosas e a religiosidade em Goiás**. Goiânia, Agepel, 2001.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: 1989.

ENCICLOPÉDIA DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1958.

ENCIDEC/DADM. **Identificação cultural de Jaraguá**. Prefeitura de Jaraguá, 1992.

ETZEL, Eduardo. **Divino: simbolismo no folclore na arte popular**. São Paulo: Giordano, Rio de Janeiro: Komos, 1995.

FIGUEIRA, Sérvulo de. **Família, Psicologia e Sociedade**. Rio de Janeiro, Campus, 1987.

FONSECA, Luciano. **Jaraguá: Tradição e Modernidade**. Goiânia: UFG., 1999.(Tese de Mestrado).

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. Trad. Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991.

-----, . **Modernização Reflexiva**. São Paulo, UNESP, 1997.

GOFF, Jacques Le. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1996.

GOMES, Horieste. **Introdução à geografia de Goiás**. São Paulo: O calvário, 1965.

GRAFFT, Edgar. **Goiânia, 50 anos**. Goiânia: UCG, 1983.

GUIMARÃES, Almir R. **Quando o assunto é família**. São Paulo, Paulinas, 1990.

HOLANDA, Arurêlio Buarque de. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

MACEDO, Rosa Maria de. A família do ponto de vista psicológico: um lugar seguro para se viver. In: **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n.91, 1994. P. 62-68.

MARTELLI, Stefano. **Religião na sociedade pós-moderna**. São Paulo: Paulinas, 1995.

MELLO, Márcia Metran de. **Moderno e Modernismo na arquitetura**: os dois fluxos desenvolvimentista de Goiânia 1933-1950 e 1950-1964. São Paulo, 1996.(Dissertação de Mestrado).

MORAES, Sérgio. **O Empreendedor Imobiliário e o Estado**: o processo de expansão em direção ao sul de Goiânia. Brasília, 1991.(Dissertação de Mestrado)

OLIVEIRA, PEDRO Ribeiro de. Catolicismo popular e ramificação do catolicismo brasileiro. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis, Vozes, v.36, 1976, P. 58-82.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, etnia e estrutura social**. São Paulo: Pioneira, 1994.

PALACIN, Luis G. **Coronelismo no extremo norte de Goiás**: o padre João e as três revoluções de Boa Vista. São Paulo: Loyola, 1990.

_____. **Estrutura e conjuntura numa capitania de Minas**. Goiânia: Departamento de Cultura, SEC, 1979.

_____. **História de Goiás em Documentos**. Goiânia: UFG, 1975.

_____. **História de Goiás**. Goiânia: UFG, 1975.

PEDROSO, Dulce madalena Rios. **O povo invisível** – a história dos Avá-Canoeiros nos séculos XVIII e XIX. Goiânia: UFG, Furnas, 1994.

POHL, Joahann Emanuel. **Viagem ao interior do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1976.

RIVIÈRE, Claude. **Os ritos profanos**. Trad. Guilherme J. F. Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1996.

SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem à província de Goiás**. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1975.

SAMARA, Ivete. **Uma nova família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

SILVA, Ana Lúcia da. **A Revolução de 30 em Goiás**. São Paulo: USP, Tese de doutorado, 1982.

SUESS, Paulo G. **O Catolicismo Popular no Brasil**: tipologia de uma religiosidade vivida. São Paulo Loyola, 1979.

SILVA, Mônica Martins da. **A Festa do Divino**: romanização, patrimônio e tradição e Pirenópolis (1890-1988). Goiânia, Agepel, 2001.

TIBALLI, Elianda Figueiredo Arantes. **A expansão do povoamento em Goiás no século XIX**. Goiânia: UFG, 1991. (Dissertação de mestrado).

WEBER, Max. **Ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: BPCS,. 1989.

ANEXO 1

(Questionário aplicados aos visitados)

QUESTIONÁRIO 01

Nome

Sexo: () masculino () feminino

Idade:

Profissão (o que faz):

Grau de instrução: () até o primário () 5ª a 8ª () 2º grau () superior

Naturalidade (onde nasceu):

Onde morou os primeiros anos de sua vida? () zona urbana () zona rural

Quanto tempo morou em Jaraguá?

Quanto tempo faz que mudou para Goiânia?

ANEXO 2

(Questionário aplicados aos foliões)

QUESTIONÁRIO 02**Nome:****Sexo:****Idade****Profissão:****Instrução:****Natural (onde nasceu):****Onde morou os primeiros anos: () zona rural () zona urbana****Há quanto tempo mora em Jaraguá?**